

UFRRJ
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO - IE
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO - PROPPG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA- PPGPSI

DISSERTAÇÃO

**AVALIAÇÃO DA ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL GRUPAL EM
ADOLESCENTES DO ÚLTIMO ANO DO ENSINO MÉDIO, COM
FOCO NA MATURIDADE E NA INDECISÃO VOCACIONAL.**

Daiane Bocard do Couto

2019



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
CURSO PÓS GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

**AVALIAÇÃO DA ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL GRUPAL EM
ADOLESCENTES DO ÚLTIMO ANO DO ENSINO MÉDIO, COM
FOCO NA MATURIDADE E NA INDECISÃO VOCACIONAL.**

DAIANE BOCARD DO COUTO

Sob a Orientação do Professor
Dr. Wanderson Fernandes de Souza

E Co-orientação da Professora
Dra. Carla Cristine Vicente

Dissertação submetida como
requisito parcial para obtenção do
grau de **Mestre em Psicologia**, no
Curso de Pós-Graduação em
Psicologia.

Seropédica, RJ
Maio de 2019

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

C871a Couto, Daiane Bocard do, 1991-
AVALIAÇÃO DA ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL GRUPAL EM
ADOLESCENTES DO ÚLTIMO ANO DO ENSINO MÉDIO, COM FOCO NA
MATURIDADE E NA INDECISÃO VOCACIONAL. / Daiane Bocard
do Couto. - Rio de Janeiro, 2019.
59 f.

Orientador: Wanderson Fernandes de Souza.
Coorientadora: Carla Cristine Vicente.
Dissertação (Mestrado). -- Universidade Federal
Rural do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em
Psicologia, 2019.

1. Orientação Profissional. 2. Maturidade
Vocacional. 3. Indecisão Vocacional. 4. Intervenção em
Grupo. 5. Psicologia. I. Souza, Wanderson Fernandes
de, 1980-, orient. II. Vicente, Carla Cristine, 1969
, coorient. III Universidade Federal Rural do Rio de
Janeiro. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. IV.
Título.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de
Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível
Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

DAIANE BOCARD DO COUTO

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Psicologia** no Curso de Pós-Graduação em Psicologia.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM ____ / ____ / ____

Dr. Wanderson Fernandes de Souza – UFRRJ
(Orientador)

Dra. Carla Cristine Vicente - UFRRJ
(Co-orientadora)

Dra. Katia Nahum Campos - Faculdade Salesiana Maria Auxiliadora
(Professora Convidada)

Dra. Luciene de Fátima Rocinholi - UFRRJ
(Professora Convidada)

DEDICATÓRIA

*Aos orientandos, que
acreditaram nesse trabalho e
mergulharam nessa
experiência com muito amor.*

AGRADECIMENTOS

Essa dissertação marca simbolicamente o encerramento de um ciclo de profundo aprendizado que se iniciou paralelamente com essa etapa do mestrado. E como não é na zona de conforto que crescemos, posso dizer que frequentei a escola da dor ao longo desses 30 meses. Sem falsa modéstia fui uma aluna aplicada, não fugi das duras lições que me foram ensinadas e posso dizer que o tempo é um exímio professor.

Quando você passa por essa escola de coração aberto, você aprende a ver a beleza que ela trás em cada lição ministrada. E começa a compreender que poucos são os alunos “iluminados” que se formam em definitivo e não voltam mais a frequentá-la. Nesse momento eu estou feliz por que estou entrando de férias! Meu sentimento é de profunda gratidão por tudo que vivi e aprendi nessa etapa. Estou pronta para exercitar os novos conhecimentos adquiridos. E com muita alegria me despeço dessa formidável escola, mas sem a pretensão de nunca mais voltar!

E nessa minha jornada encontrei com muitos mestres e amigos que tornaram o caminho muito mais possível de ser trilhado aos quais devoto imensa gratidão:

Ao grande arquiteto dono dessa escola, Deus.

Aos meus pais, que para mim são a representação de amor incondicional.

Aos meus queridos orientadores Wanderson e Carla que dividiram comigo seus saberes e me guiaram com muita generosidade.

Aos meus muitos amigos, antigos e novos, que dão sabor a minha vida.

E a CAPES, que possibilitou apoio financeiro para realização desse trabalho.

Duas palavras me definem nesse momento: Amor e Gratidão!

*“Uma vida desprovida de sentido no trabalho
não pode ser compatível com uma vida cheia de sentido
fora dele.”*

(Ricardo Antunes)

RESUMO

COUTO, Daiane Bocard do. 2019. **Avaliação da orientação profissional grupal com foco na maturidade e na indecisão vocacional.** Dissertação de mestrado em Psicologia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, Brasil.

Esse estudo longitudinal, de caráter experimental e delineamento correlacional objetivou avaliar a influência de um processo de orientação profissional - OP em grupo sobre a maturidade vocacional e na indecisão para escolha profissional de estudantes. Para tal, buscou-se: observar se há correlação entre os dois construtos (maturidade e indecisão) e variáveis sócio-demográficas (sexo, tipo de escola, experiência profissional, psicoterapia); realizar a comparação entre o grupo experimental e controle; comparar os resultados mensurados nos diferentes momentos da investigação. A amostra foi composta por 78 estudantes do terceiro ano do ensino médio de três escolas distintas do Município de Seropédica – RJ, que foram divididos em grupo controle e grupo experimental. O grupo experimental frequentou durante oito semanas encontros de intervenção de OP. Todos os alunos responderam a um questionário sócio-demográfico, a Escala de Maturidade para Escolha profissional – EMEP e a Escala de Indecisão Vocacional – EIV, antes e depois do período da intervenção. Os resultados identificados na retestagem mostraram que o grupo experimental aumentou seu nível de maturidade e reduziu seu nível de indecisão, quando comparados ao grupo controle, no mesmo espaço de tempo, indicando que a participação nos encontros de OP auxiliaram o processo de orientação profissional no final do ensino médio. Sendo assim corroborada a hipótese levantada no início da pesquisa.

Palavras-Chaves: Orientação Profissional; Grupo; EMEP; EIV; Intervenção.

ABSTRACT

COUTO, Daiane Bocard do. 2019. **Evaluation of professional orientation group focusing on maturity and vocational indecision.** Master's Dissertation in Psychology, University Federal Rural of Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, Brasil.

This longitudinal study, with an experimental character and a correlational design, aimed to evaluate the influence of a professional orientation process in group on vocational maturity and in the indecision for professional choice of students. In order to do this, it was sought to observe whether there is a correlation between those two constructs (maturity and indecision) and socio-demographic variables (gender, type of school, professional experience, psychotherapy); to carry out the comparison between the experimental and control groups; to compare the results measured in different times of the investigation. The sample consisted of 78 students from the third year of high school from three different schools in the city of Seropédica - RJ, which were divided into control and experimental groups. The experimental group attended professional orientation intervention meetings for eight weeks. All students had answered a socio-demographic questionnaire, the Professional Choice Maturity Scale - EMEP and the Vocational Indecision Scale - EIV, before and after the intervention period. The results of the test showed that the experimental group had increased their level of maturity and had reduced their level of indecision, when compared to the control group, in the same time period, indicating that the participation in the meetings of professional orientation helped the process of professional orientation in the end from high school. Thus, the hypothesis raised at the beginning of the research was corroborated.

Key words: Professional orientation; Group; EMEP; EIV; Intervention.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: <i>Técnicas do Programa de Orientação Profissional</i>	23
Tabela 2: <i>Dados Sócio-Demográficos</i>	25
Tabela 3: <i>Comparação das médias de Indecisão, Maturidade e suas Subcategorias em relação ao Sexo</i>	26
Tabela 4: <i>Comparação das médias de Indecisão, Maturidade e suas Subcategorias em relação à experiência com o Trabalho e Curso Profissionalizante</i>	28
Tabela 5: <i>Comparação das médias de Indecisão, Maturidade e suas Subcategorias em relação à Psicoterapia e Contato anterior com OP</i>	29
Tabela 6: <i>Comparação das médias de Indecisão, Maturidade e suas Subcategorias em relação aos Tipos de Escola. (ANOVA)</i>	31
Tabela 7: <i>Classificação diagnóstica da maturidade e das subcategorias do grupo controle e experimental no momento 1 (M1)</i>	33
Tabela 8: <i>Classificação diagnóstica da maturidade e das subcategorias do grupo controle e experimental no momento 2 (M2)</i>	35
Tabela 9: <i>Comparação das médias de Indecisão, Maturidade e suas Subcategorias em relação aos diferentes grupos nos momentos 1(M1) e 2 (M2)</i>	36
Tabela 10: <i>Comparação das variações das médias de Indecisão, Maturidade e suas Subcategorias por grupos</i>	38
Tabela 11.a: <i>Comparação das médias de Indecisão, Maturidade e suas Subcategorias em relação as diferentes escolas nos momentos 1(M1) e 2 (M2)</i>	39

Tabela 11.b: *Comparação das médias de Indecisão, Maturidade e suas Subcategorias em relação as diferentes escolas nos grupos Controle e Experimental*.....39

Tabela 12: *Variações das médias de Indecisão, Maturidade e suas Subcategorias dos tipos de Escola*43

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	1
2. OBJETIVOS	3
2.1. Objetivo Geral	3
2.2. Objetivos Específicos	3
3. REFERENCIAL TEÓRICO	4
3.1. Orientação profissional	4
3.2. Aspectos da escolha laboral na Orientação profissional	7
3.2.1. Maturidade Vocacional	7
3.2.2. Indecisão Vocacional	9
3.3. Características das intervenções de orientação profissional	12
3.3.1. Processo Grupal	13
3.3.2. Orientação Fenomenológica Existencial Humanista	14
4. MÉTODO	16
4.1. Participantes	16
4.2. Instrumentos	17
4.3. Procedimentos	18
4.4. Análise de dados	19
4.5. Intervenção: O grupo de OP	20
5. RESULTADOS E DISCUSSÃO	25
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
7. REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS	48
8. ANEXOS	54
8.1. Anexo A	54
8.2. Anexo B	55

8.3. Anexo C	56
8.4. Anexo D	57
8.5. Anexo E	58
8.6. Anexo F	59

1. INTRODUÇÃO

À medida que o estudante segue avançando em sua escolaridade, a pressão para tomada de decisões em relação à carreira vai ganhando força. Quando este termina o ensino médio, é preciso fazer escolhas: Continuar os estudos ou trabalhar? Cursar uma faculdade? Fazer um o curso técnico? Qual graduação escolher? Para qual universidade ir? Por onde começar?

O último senso da educação superior divulgado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP mostra que em 2017 foram oferecidas 336 opções de cursos de graduação diferentes reconhecidos pelo Ministério da Educação – MEC. O Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego – PRONATEC disponibilizou 227 opções de cursos técnicos e 646 opções de cursos de formação inicial e continuada (FIC) ou de qualificação profissional. E, para além disso, com a evolução da tecnologia surgem diversas novas opções de carreira a cada ano.

Hoje, o Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM é a maior porta de entrada para o universo da profissionalização. Através da nota obtida no Enem, o estudante pode acessar a diversos programas do Governo Federal que dão acesso ao ensino superior ou cursos técnicos, entre eles o SISU (Sistema de Seleção Unificado) e o SISUTEC (Sistema de Seleção Unificada do Ensino Profissional e Tecnológico). Nesses programas, o estudante pode se inscrever para qualquer um dos muitos cursos oferecidos, estando ciente da nota que precisa ter para conseguir a vaga. Neste novo cenário, o aluno primeiro passa por uma avaliação geral e depois é convidado a fazer uma escolha. Logo, ele não precisa se comprometer com sua escolha desde o início do processo.

Esse sistema atual favorece o adiamento da reflexão sobre a escolha profissional, sobre a criação do projeto de vida e a responsabilização sobre as decisões tomadas. Mas estimula que o jovem se preocupe em adquirir conhecimentos que o levem a ter uma boa pontuação para concorrer a uma vaga. Entretanto, depois ele só terá quatro dias para avaliar e fazer sua escolha a partir das possibilidades geradas pela nota obtida. Pois, é esse o tempo, que o estudante tem para concorrer através de um sistema online, onde no final de cada dia, ele pode consultar o sistema e ver a nota de corte do curso pretendido e a sua posição dentro do número de vagas ofertadas. E, caso deseje, pode mudar a opção de curso.

Diante desse cenário e da enorme gama de possibilidades ofertadas, faz-se importante o apoio ao estudante no sentido de fornecer-lhe ferramentas de conhecimento e informações que o auxiliem e orientem em sua tomada de decisão.

Optar por uma carreira pode ser uma difícil tarefa para estudantes que estão enfrentando um momento de transição de fases, buscando o autoconhecimento, a construção e o fortalecimento de sua identidade. Frente a esses fatores, a orientação profissional representa um meio de fornecer suporte aos estudantes na realização de uma escolha profissional consciente e adequada ao seu projeto de vida. Assim sendo, um processo eficaz de orientação profissional precisa considerar aspectos relacionados à construção da identidade do estudante e a possibilidade de desenvolvimento de habilidades, não se limitando somente à identificação de características pré-determinadas.

A justificativa dessa pesquisa se refere à minha trajetória ao longo da graduação em Psicologia, na qual participei da realização de um estudo na iniciação científica com alunos da UFRRJ em que 24% dos participantes estavam insatisfeitos com seus cursos e desejavam mudar. Trabalhei no projeto de extensão voltado para os universitários com dificuldade de adaptação acadêmica (Habitar Psi). Também tive a oportunidade de participar da criação e aplicação de um programa de orientação profissional (POP Escolhas) voltado para os alunos do 9º ano da rede pública de ensino do município de Seropédica, no qual pude observar as dificuldades com a escolha ocupacional, trazidas pelos alunos participantes. Ao final do ciclo de encontros, os participantes relataram nunca antes, terem tido um espaço para pensar em quem eles eram, do que gostavam e associar isso ao que futuramente poderiam trabalhar. A partir dessas experiências, compreendi a relevância de intervenções na direção da orientação profissional para alunos do ensino médio.

Com o intuito de verificar a eficácia de um processo interventivo de Orientação Profissional (OP), o presente estudo objetivou avaliar a influência de uma intervenção de OP realizada em grupo sobre a maturidade e a indecisão para a escolha profissional de estudantes do último ano do ensino médio. Para tal, buscou-se observar se há correlação entre a Maturidade e Indecisão Vocacional com variáveis sócio-demográficas (sexo, tipo de escola, experiência profissional, psicoterapia); realizar a comparação entre o grupo experimental e controle; e comparar os resultados mensurados antes e após os encontros experimentais de intervenção de OP. A hipótese é

que os níveis de maturidade aumentem e os níveis de indecisão diminuam quando comparados os resultados coletados nos dois momentos da investigação.

2. OBJETIVOS

2.1. Objetivo Geral

Avaliar a influência de uma intervenção de orientação profissional realizada em grupo sobre a maturidade e a indecisão para a escolha profissional de estudantes do último ano do ensino médio.

2.2. Objetivos Específicos

- Observar se há correlação entre a Maturidade e Indecisão Vocacional com variáveis sócio-demográficas (sexo, tipo de escola, experiência profissional, psicoterapia);
- Realizar a comparação entre o grupo experimental e controle;
- Comparar os resultados mensurados antes e após os encontros experimentais de intervenção de OP. Ou seja, investigar se há diferenças entre avaliação e reavaliação em cada grupo.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

3.1. Orientação profissional

A literatura existente sobre Orientação Profissional (OP) é extensa e diversificada. E os autores apresentam múltiplas conceituações. De acordo com Pimenta (1981), o processo de orientação profissional é um meio facilitador, que ajuda o jovem a se conhecer melhor, fornecendo aporte para que ele faça a escolha mais adequada. Para Azevedo e Santos (2000), a orientação profissional constitui-se num campo de trabalho que intervém na vida cotidiana dos seres humanos. Silva e Soares (2001) entendem orientação profissional como um “ritual moderno, cujo objetivo principal é facilitar a transição do indivíduo do mundo infantil para o mundo adulto” (p. 115), sendo útil na elaboração dos conflitos vivenciados pelos jovens quando estes passam pelo angustiante momento da escolha profissional. Andrade, Meira e Vasconcelos (2002) apontam a orientação profissional como um processo que “possibilita ajuda aos jovens, não levando estes a apenas escolherem uma profissão, mas auxiliando-os a se conhecerem melhor como indivíduos inseridos em um contexto social, econômico e cultural” (p. 49).

Para Ribeiro (2003), a orientação profissional é um “processo de ajuda, de caráter mediador e cooperativo entre um profissional preparado e um sujeito ou grupo de sujeitos, que necessitem auxílio quanto à elaboração e consecução do seu projeto de vida profissional com todos os aspectos envolvidos do seu comportamento vocacional” (p. 149). Aspectos esses que podem ser: conhecimento do seu processo de escolha, autoconhecimento, conhecimento do mundo do trabalho e modelos de elaboração de projetos. Sendo assim, Oliveira e Neiva (2013) concluem que o processo de OP deve ir além de ajudar o indivíduo na sua inserção no mercado de trabalho. Deve buscar promover a flexibilização da forma como o orientando avalia descrições socialmente difundidas sobre escolha profissional e sobre as diversas carreiras. O trabalho na área de OP é entendido como um processo que promove melhoria na capacidade de

discriminação e análise das variáveis envolvidas no processo de tomada de decisão em relação à carreira. (Cippola, Domeniconi & Schmidt, 2017).

Diversos autores cunharam conceitos e teorias a respeito da Orientação Profissional. Contudo, esse trabalho pautou-se no modelo de orientação profissional clínico proposto por Rodolfo Bohoslavsky no século XX. Bohoslavsky rompeu com o modelo psicométrico de OP predominante no mundo, que via o sujeito como objeto de sua intervenção, e apresentou ao mundo uma nova possibilidade a cerca do trabalho em orientação profissional na abordagem clínica, cujo modelo teórico enxerga o indivíduo como dono de sua própria escolha (Bohoslavsky, 1977).

Historicamente, o termo orientação profissional veio sofrendo modificações. Há algumas décadas atrás usava-se mais comumente a expressão orientação vocacional pois, buscava-se descobrir a vocação que o indivíduo trazia consigo desde o nascimento, tirando assim a autonomia do ser humano para escolher. Com a aproximação da vertente humanista a essa área, o indivíduo foi se tornando parte fundamental e ativa do processo. Processo esse que foi deixando de ser apenas de identificação da vocação predestinada, passando a ser um processo de escolha, que leva em consideração a personalidade e as habilidades pessoais, assim como também as características necessárias para desempenhar cada profissão. Dando a esse indivíduo a possibilidade de identificar e desenvolver as características necessárias para desempenhar a profissão que decidir escolher conscientemente.

Atualmente, o indivíduo tem sofrido pressão para realizar escolhas referentes ao universo profissional cada vez mais cedo, como aponta Colombo e Prati (2014). Segundo Almeida e Pinho (2008), quando um adolescente se depara com a escolha de uma profissão, “não estão apenas em jogo seus interesses e aptidões, mas também a maneira como ele vê o mundo, como ele próprio se vê, as informações que possui acerca das profissões, as influências externas advindas do meio social, dos pares e, principalmente, da família” (p.174).

A adolescência é um período de transição entre a infância e a idade adulta (Colombo & Prati, 2014). Conforme pontua Belsky (2010), neste período ocorrem mudanças físicas, cognitivas e psicossociais relacionadas e concomitantes. O indivíduo precisa assumir papéis e compromissos frente à sociedade. Essas tarefas e expectativas tornam um momento propenso ao surgimento, de uma crise de identidade (Sarriera, Silva, Kabbas e Lopes, 2001), que se caracteriza por ser um momento em que surgem

muitas dúvidas e incertezas, tendo como uma de suas principais incumbências à definição do futuro profissional (Colombo & Prati, 2014).

Sendo assim, a orientação profissional ganha espaço e importância na fase da adolescência. E que por sua vez, conforme aponta Ribeiro (2003), além de se preocupar em trabalhar a inserção do jovem no mercado de trabalho, deve auxiliar no planejamento do seu projeto de vida, criando estratégias alternativas ao seu papel tradicional de somente orientar jovens para a escolha de um curso superior.

Neste sentido, a intervenção em orientação profissional deve proporcionar ao jovem orientando um momento de reflexão, especialmente acerca do que está por trás da sua escolha (Almeida & Pinho, 2008). Pois, segundo Andrade, Meira e Vasconcelos (2002), a “orientação profissional ao ajudar o indivíduo a encontrar uma identidade profissional, auxilia na estruturação de sua identidade pessoal, favorecendo a elaboração de um projeto de vida” (p.46). Oferecendo aos indivíduos padrões de mecanismos de adaptação à vida (Super & Junior, 1980). Podendo prevenir alguns transtornos na vida do adolescente, como decepções e ilusões, e favorecer a melhoria da qualidade de vida em diversos níveis (Azevedo & Santos, 2000).

Apesar de bastante utilizada na adolescência em função de ser o momento em que há maior apelo para a realização da escolha profissional, Ribeiro (2003) afirma que o processo de orientação profissional pode ser realizado “durante toda a vida, em todas as idades, com todos os sujeitos, em todos os espaços de organização social. Requer a implicação da comunidade, pois é uma responsabilidade individual e social. Não é uma intervenção focal, mas continuada, pois visa auxiliar no bom desenvolvimento vocacional dos sujeitos” (p. 149).

Em relação ao profissional que atua como “orientador” são encontradas na literatura algumas diretrizes. Segundo Silva, Oliveira e Coelho (2002), é função do orientador profissional “auxiliar os orientandos no processo de tomada de consciência de suas necessidades (entre elas escolher a profissão), possibilitando-lhe falar sobre suas dificuldades, obstáculos, apreensões, temores, dúvidas, interesses, aptidões e desejos” (p.46). O orientador deve estimular o adolescente a pensar “quem ele quer ser”. E, assim, assumir seu projeto de vida considerando seus interesses e a realidade. Pois optar por uma carreira exige maturidade profissional e capacidade de superar obstáculos. Em seu trabalho, Müller (1988) escreve sobre as qualidades desejáveis ao orientador profissional, e afirma que esse deve possuir uma sólida formação teórica em psicologia, principalmente psicologia educacional e do desenvolvimento, conhecimento em

dinâmicas de grupo, técnicas de exploração da personalidade e psicopatologia, prática clínica, empatia, equilíbrio emocional, reconhecimento de sua própria ideologia, respeito pelos outros e aceitação dos seus limites. Ao passo que para Calheiros, Araújo e Silveira (2000) é fundamental que esse profissional tenha uma postura criativa, inovadora e científica, perfil que deve começar a ser delineado durante a sua formação acadêmica.

Além das características já mencionadas Andrade, Meira e Vasconcelos (2002) acrescentam que a formação do orientador profissional também deve incluir “conhecimentos sobre mercado de trabalho, empregabilidade, globalização, informações sobre as diferentes profissões e ocupações, sobre os diferentes cursos e universidades, além do conhecimento sobre as teorias de orientação profissional” (p.51). Como também a prática ao longo da formação acadêmica e supervisão.

Ribeiro (2003) conclui em seu trabalho, que seria de grande valia se a orientação profissional se tornasse “uma prática mais global, e não restrita somente a determinados grupos com demandas específicas, mas que atendesse a todos aqueles que necessitam de uma orientação para a elaboração ou reelaboração do seu projeto de vida profissional” (p.149).

De acordo com Neiva, Silva, Miranda e Esteves (2005), a escolha profissional é multifatorial, ou seja, não depende apenas de uma variável. Entre os fatores que os autores descrevem (políticos, econômicos, sociais, educacionais, familiares), está o fator psicológico composto, por exemplo, por interesses, habilidades, personalidade, valores, expectativas com relação ao futuro, maturidade para escola profissional e indecisão (Neiva, 2007; Neiva et al., 2005; Neiva, 2002; Neiva, 1999). Dentre essas variáveis, Junqueira e Melo-Silva (2014) destacam a maturidade para escolha como um construto muito importante a ser considerado ao se tratar de escolha profissional. Assim como também, Santos (2013) destaca a indecisão vocacional.

A partir dessas perspectivas, o presente estudo enfatizou a maturidade para escolha profissional e a indecisão vocacional, como balizadores da investigação.

3.2. Aspectos da escolha laboral na Orientação profissional.

3.2.1. Maturidade Vocacional

De acordo com Neiva et al. (2005), Melo-Silva, Oliveira e Coelho (2002) e Neiva (1999; 2003), o conceito de maturidade vocacional foi introduzido por Super (1955), e ele o define como o conjunto de atitudes e comportamentos que o jovem deve realizar objetivando sua entrada no mundo profissional. Incluindo a seleção de um fazer e as atitudes a serem tomadas diante dessa decisão (Japur, 1988). Ou seja, maturidade vocacional se refere a possibilidade de um indivíduo possuir atitudes e conhecimentos suficientes para realizar a escolha profissional consciente e segura.

Silva e Jacquemin (2001) afirmam que quando a pessoa se torna madura para tomar decisões com relação ao mundo profissional significa que ela adquiriu comportamentos sociais e profissionais que proporcionarão o desenvolvimento de sua trajetória ocupacional. Sendo assim, cumpriu uma das tarefas do desenvolvimento vocacional, buscando equilibrar-se entre ganhos e perdas como consequências de suas decisões ocupacionais, de seu amadurecimento (Silva, Oliveira & Coelho, 2002).

Lassance, Bardagi e Teixeira (2009) afirmam em seu trabalho que “a tomada de decisão mais madura é possível quando, de posse de informação, o orientando é capaz de um planejamento realista” (p.24). Ou seja, desenvolve a capacidade de explorar e avaliar as alternativas, administrando as oscilações da realidade do mundo do trabalho contemporâneo.

Em relação à maturidade, a literatura mostra que esse construto tem sido estudado em correlação com variáveis sócio-demográficas, em avaliação de intervenções de OP, e também relacionado a outros construtos. Nos estudos que investigam a correlação da maturidade para escolha profissional com as variáveis sócio-demográficas, é possível verificar que alguns desses estudos não encontraram correlação significativa entre a maturidade e o sexo (Neiva, 2003; Balbinotti, Wiethaeuper & Barbosa, 2004; Noce, 2008; Corlatti, 2009; Lassance, Bardagi & Teixeira, 2009; Junqueira & Melo-Silva, 2014). Já outros estudos defendem resultados que apontam um nível de maturidade para escolha profissional superior no sexo feminino em comparação com o masculino (Balbinotti, 2003; Neiva, Silva, Miranda & Esteves, 2005; Balbinotti & Tétréau, 2006; Junqueira & Melo-Silva, 2014). Contudo, o oposto não foi encontrado. Ou seja, entre as pesquisas analisadas na revisão de literatura do presente estudo, não foi encontrado nenhum estudo que tenha encontrado maior nível de maturidade para escolha profissional do sexo masculino em relação ao feminino.

Em relação a variável tipo de escola, foram encontrados estudos onde os autores não observaram diferenças significativas no nível de maturidade dos alunos que frequentavam escola pública ou escola particular (Junqueira & Melo-Silva, 2014; Colombo & Pratti, 2014). Em contrapartida, outras pesquisas constataram diferenças significativas no nível de maturidade para escolha profissional quando comparado o tipo de escola frequentada. Segundo Neiva et al. (2005), alunos de escola particular apresentaram maior nível de maturidade para escolha profissional do que os alunos de escola pública. O que não se confirmou nos estudos de Balbinotti, Wiethaeuper e Barbosa (2004) e Balbinotti e Tétreau (2006), no qual o nível de maturidade dos alunos da rede pública se revelou mais elevado do que os alunos da rede privada.

Outra variável encontrada na literatura relacionada à maturidade para escolha é a experiência profissional. Pesquisadores investigaram se o nível de maturidade para escolha varia em função da experiência profissional e Corlatti (2009) não encontrou em seu estudo correlação significativa entre experiência profissional e maturidade para escolha. Apesar das diferenças encontradas no estudo de Colombo e Pratti (2014) não serem significantes, seus resultados revelam a tendência de alunos que não possuem experiência profissional terem níveis de maturidade mais elevados em comparação aos que possuem.

Ainda investigando a maturidade para escolha profissional é possível avaliar a variação desse construto mediante a aplicação de intervenções/ programas de OP. Bardagi e Albanaes (2015) realizaram uma revisão na literatura voltada para a avaliação de intervenções de carreira no Brasil, entre os anos de 1994 a 2014. Elas encontraram dezesseis publicações que abordavam essa temática. Dentre essas, seis avaliaram a evolução da maturidade para escolha profissional nos programas de OP, tomando como indicativo para verificar a eficácia da intervenção. Nos seis estudos, o nível de maturidade aumentou após os alunos passarem pela intervenção em OP (Melo-Silva, Oliveira & Coelho, 2002; Nogueira, 2004; Moura, Sampaio, Gemelli, Rodrigues & Menezes, 2005; Lassance, Bardagi & Teixeira, 2009; Junqueira, 2010; Oliveira & Neiva, 2013). Outros estudos como Noce (2008), Esbrogeio (2008), Corlatti (2009) e Junqueira e Melo-Silva (2014) também comprovaram que os estudantes que participaram de programas de OP se tornaram mais maduros para decidirem sobre sua escolha profissional.

3.2.2. Indecisão Vocacional

De acordo com Lassance, Bardagi e Teixeira (2009), a indecisão é um conceito multidimensional, e quando manifesto na adolescência, uma fase de muitas transformações, é até esperado e visto como natural, em certo limite, diante de questões como a escolha da carreira. Para Silva (2004), indecisão vocacional consiste na incapacidade do indivíduo em selecionar, ou comprometer-se com um objetivo educativo ou profissional específico.

Faria e Taveira (2006) apontam que as pessoas podem estar indecisas sobre o seu futuro profissional devido à multiplicidade de papéis profissionais em que se imaginam desempenhando com o mesmo nível de desejo; ou também pelo total inverso, caso não consigam se perceber em nenhuma profissão, sentindo-se sem opções de escolha; ou podem sofrer também com a chamada indecisão generalizada, que atinge todos os domínios da vida. O que faz com que o indivíduo, independente do fator, não esteja pronto para tomar decisões de carreira. Nesse sentido Silva (2004) salienta que a avaliação da indecisão vocacional poderá servir para identificar a modalidade de intervenção mais eficaz, uma vez que pode ajudar a uma melhor compreensão do processo de decisão ou de escolha profissional (Faria e Taveira, 2006).

A partir de uma perspectiva histórica, Santos e Coimbra (1994) consideram que, dentro do processo da escolha profissional, se desenvolveram três linhas de investigação: A primeira considerou a escolha profissional como um processo evolutivo que ocorre ao longo de diversos estágios do desenvolvimento; a segunda analisou e testou modelos de tomada de decisão com base nas teorias racionalistas clássicas de decisão; e a terceira buscou identificar e diferenciar variáveis individuais no processo de escolha profissional, se inclinado sobre a indecisão vocacional. Desta forma, os pesquisadores priorizaram o interesse pela indecisão ao invés de focarem a decisão.

Dentro dessa terceira linha, pesquisas no campo epidemiológico buscaram determinar o percentual de alunos indecisos, mas esbarraram em algumas variáveis como nível escolar e coleta de dados baseada na auto percepção dos estudantes. Outras pesquisas no campo da diferenciação se interessaram em tentar avaliar as diferenças entre alunos decididos e alunos indecisos. E no campo desenvolvimentista, as pesquisas se concentraram em mapear o processo que leva a indecisão e não tanto o fenômeno em

si (Santos & Coimbra, 1994). Contudo, apenas depois do desenvolvimento da *Career Decision Scale* em 1976, por Osipow, Carney e Barak, é que os pesquisadores passaram a dispor de um instrumento padronizado de natureza psicométrica para avaliar indecisão vocacional (Mota, 2010). Isto deu novo impulso nas pesquisas nessa área e incentivou a elaboração de outros instrumentos que surgiram posteriormente. Como por exemplo a versão adaptada para a população jovem portuguesa da *Career Decision Scale* (Taveira, 1997) e a Escala de Indecisão Vocacional (Teixeira & Magalhães, 2001). Sendo essa última utilizada no presente estudo.

Entre os estudos brasileiros que utilizaram a Escala de Indecisão Vocacional, Lassance, Bardagi e Teixeira (2009) encontraram correlação positiva entre indecisão e a variável sexo, observando que as moças se mostraram mais indecisas que os rapazes para realizarem a escolha da profissão. Contudo, os autores também utilizaram essa escala para avaliar o resultado produzido por uma intervenção de OP no nível de indecisão dos alunos participantes. A título de resultado verificaram que após a participação no programa de OP, o nível de indecisão dos alunos reduziu significativamente. E, assim, concluíram que a intervenção foi positiva.

Teixeira e Magalhães (2001) em seu estudo de validação da Escala de Indecisão Vocacional, também puderam observar que alunos que passaram por um programa de intervenção em OP tiveram seus escores de indecisão reduzidos. E ainda puderam constatar que, quando comparados os escores de um grupo de alunos que procuraram voluntariamente por uma intervenção em OP com um grupo de estudantes aleatórios que não buscavam por OP, os escores dos que buscaram OP foram significativamente mais elevados. Após a intervenção, os escores dos dois grupos quando comparados novamente não apresentaram diferença significativa.

Faria, Taveira e Saavedra (2008) constataram resultado oposto a Lassance et al. (2009) onde foi encontrada ausência de diferença significativa de indecisão vocacional em função do sexo.

Nota-se no trabalho de Farias e Taveira (2006) que os autores introduziram um grupo controle em sua pesquisa. E comparando os grupos no pré-teste, os alunos do grupo experimental apresentam maiores índices de indecisão vocacional do que o grupo controle. Do mesmo modo as moças do grupo experimental registraram um nível maior de indecisão quando comparadas aos rapazes. O inverso foi observado no grupo controle, onde os rapazes apresentaram maior nível de indecisão.

Na dissertação de Sparta (2003) as moças apresentaram níveis de indecisão superiores aos dos rapazes. Os adolescentes não engajados no processo de escolha profissional são significativamente mais indecisos do que os adolescentes engajados no mesmo. A amostra geral, nesse estudo apresentou nível médio-baixo de indecisão. Quando correlacionado as dimensões da exploração e o nível de indecisão da amostra, obteve-se correlação negativa. Ou seja, esse estudo aponta que quanto mais o jovem explora o mundo das profissões, menor é o grau de indecisão vocacional que apresenta. E também puderam apontar que a variável idade não é preditora para a indecisão vocacional.

Na pesquisa de Bardagi (2002) não houve diferença significativa nos escores de indecisão correlacionados ao sexo ou ao tipo de escola. Apesar de não ter sido encontrada uma significância estatística, foi possível observar uma tendência dos adolescentes que tinham experiência profissional apresentarem escores mais altos de indecisão profissional do que os adolescentes que nunca trabalharam. Outros dados sociodemográficos investigados mostraram que filhos únicos e filhos do meio apresentam escores significativamente mais altos do que os outros. Demonstraram também que estado civil dos pais não tem correlação com o nível de indecisão dos filhos. E que, embora a média da indecisão dos alunos ter aumentado de maneira inversamente proporcional à escolaridade dos pais, não foram observadas diferenças estatísticas significativas entre eles.

3.3. Características das intervenções de orientação profissional.

Na psicologia, há múltiplas formas de realizar intervenções. O profissional pode optar pelas modalidades: individual ou de grupo, presencial ou online, e variadas abordagens e linhas teóricas para o seu direcionamento. Na Orientação profissional, um dos campos da psicologia, não é diferente. Não há na literatura uma única forma de realizar a orientação profissional. Cada profissional da área, devidamente capacitado, metodologicamente embasado, pode selecionar ou desenvolver técnicas que trabalhem os conceitos centrais da orientação profissional. Escolher o formato que dará a essa intervenção e qual linha teórica psicológica embasará todo o processo.

Tudo isso deve ser feito com responsabilidade, pois o orientando que procura por esse serviço, tem uma demanda específica que deseja trabalhar. E isso deve ser priorizado. Outras demandas de ordem psicológica podem ser identificadas a partir de uma intervenção de orientação profissional. Essas demandas devem ser pontuadas ao orientando a qualquer momento pertinente do processo da orientação e, caso o orientando deseje, um encaminhamento pode ser dado para o tratamento.

Sendo assim, para a intervenção de orientação profissional realizada nessa pesquisa, alguns aspectos foram determinados. Por se tratar de uma intervenção de cunho investigativo é importante considerar a quantidade da amostra. E dentro dessa perspectiva a modalidade de intervenção em grupo se fez mais relevante. A linha teórica escolhida para orientar a intervenção foi a Fenomenologia Existencial Humanista, devido à prática clínica já desenvolvida pelos pesquisadores. A grande maioria das técnicas utilizadas ao longo da intervenção foi desenvolvida pela própria equipe da pesquisa e outra parte retirada da literatura existente na área.

3.3.1. Processo Grupal

Na adolescência, de acordo com Silva e Soares (2001), o indivíduo busca um lugar social onde possa se manifestar e ser tratado como igual, organizando-se então, em grupos. Assim sendo, o adolescente encontra no grupo, um lugar no qual pode compartilhar suas angústias. Sendo possível aproveitar o grupo como recurso para auxiliar o jovem nesse momento de transição, o que tem grande eficiência na orientação profissional.

Carneiro e Silva (1999) apontam que a maior razão para o aparecimento de problemas emocionais na adolescência é a tensão e ansiedade causada pela mudança abrupta de papéis. No entanto, a presença de um grupo neutro, no qual o adolescente possa experimentar uma diversidade de situações na ausência de cobrança social, proporciona uma maior tranquilidade para o treinamento adaptativo (Bueno, 2009). O autoconhecimento é estimulado à medida que existe interação com o outro, e o processo de orientação profissional realizado em grupo visa a troca de experiências e reflexão coletiva sobre as escolhas, incluindo a da profissão.

De acordo com Andrade, Meira e Vasconcelos (2002) a orientação profissional pode ser desenvolvida tanto individualmente como em grupo. Os autores ressaltam ainda que tal trabalho desenvolvido em grupo é mais enriquecedor do que individualmente, principalmente se o grupo for composto por sujeitos adolescentes; assim auxiliará o jovem a se auto perceber como sujeito inserido em uma realidade social (Vasconcelos, Antunes & Silva, 1998).

Corroborando a perspectiva da preponderância da modalidade de intervenção grupal, Bock (2001) considera que essa é privilegiada em relação ao trabalho individual devido à diversidade e heterogeneidade presente e por acreditar que a dinâmica estabelecida enriquece o processo facilitando a observação dos valores, dificuldades, opiniões, interesses e projetos de vida dos outros. Por sua vez, Bueno (2009) também defende que a orientação profissional em grupo facilita a reflexão, discussão e o debate entre os próprios jovens para que eles possam compreender e assimilar as influências prejudiciais que sofrem e que dificultam a escolha.

3.3.2. Orientação Fenomenológica Existencial Humanista

O processo de orientação profissional baseado na orientação Fenomenológica Existencial Humanista busca valorizar a ampliação da autoconsciência do cliente, favorecendo o autoconhecimento e aumentando o potencial de escolha do mesmo. Conforme defende Bueno (2009), a “melhor escolha é aquela que o indivíduo realiza a partir de um maior conhecimento de si” (p.40). Associar o processo de orientação profissional a essa abordagem, proporciona ao cliente olhar para dentro de si e ter um encontro consigo próprio, com seus medos, seus valores, suas inseguranças, seus desejos, e suas dúvidas. Pois quando o sujeito passa a se conhecer, pode se compreender, o que o torna capaz de fazer escolhas conscientes, autônomas e assertivas, e formular seu projeto de vida.

Conforme Silva e Soares (2001) apontam, é comum aos jovens que procuram a orientação profissional o sentimento de angústia vindo da insegurança de não saber o que fazer. Dentro da perspectiva Fenomenológica Existencial Humanista, segundo

Heidegger (2005) é na angústia que a existência se abre a si mesmo, ou seja, através da angústia lhe é aberto um horizonte de possibilidades, em que se pode viver no mundo partindo de si mesmo. Através da angústia, o sujeito é movido a encontrar novas possibilidades para sua vida, onde ele próprio passa a gerenciar suas escolhas (Bezerra & Bezerra, 2012). Quanto maior o autoconhecimento, maior o poder de escolha.

Para Sartre (2005), o homem é aquilo que projeta ser e não existe antes de tal projeto, ou seja, primeiro o homem surge no mundo, e depois se define. O projeto será realizado de acordo com as predileções do indivíduo e, para escolher seu projeto, teria que estar à luz de uma consciência reflexiva, que permita a consciência de si mesmo, para analisar e julgar as opções que tem, e assim, definir seu projeto de ser. Além disso, nessa perspectiva, ser é agir, e assim sendo, o projeto de vida do sujeito só ganhará corpo quando estiver sendo posto em prática, sendo vivido. É através da ação que o indivíduo vai transformando a si próprio, e conseqüentemente, transformando o mundo a seu redor (Erthal, 2012).

Essa abordagem compreende o indivíduo como sujeito ativo em seu processo de escolha, sendo função do orientador acompanhá-lo em seu processo de reflexão, facilitando que este elabore sua identidade profissional e chegue a uma decisão consciente, madura e autônoma. O que não implica necessariamente em uma escolha definitiva, mas possivelmente mais engajada. É importante ficar claro que não é função do orientador dar um diagnóstico diretivo ao cliente acerca da escolha da profissão. E sim proporcionar condições para que o próprio indivíduo reflita e escolha.

Silva e Soares (2001) defendem que a psicologia clínica tem como principal objetivo estabelecer o equilíbrio do indivíduo, o que pode ser viabilizado através da promoção de saúde. Os autores ainda afirmam que, sendo o trabalho preventivo preferível ao paliativo, a orientação profissional encontra lugar no trabalho com as escolhas do indivíduo, oferecendo-lhe suporte para que ele as faça de forma consciente e assertiva, diminuindo a possibilidade de mal-estar e desconforto futuro. Assim, o trabalho de orientação profissional é também um trabalho preventivo, buscando o bem-estar geral do indivíduo.

Almeida e Pinho (2008) destacam que quando se adota uma compreensão holística, a questão da escolha profissional não pode ser considerada como uma parte-problema a ser solucionada, mas sim como um elemento de um todo que é o indivíduo.

Deste modo, não se pode ignorar as influências da cultura, da família, da religião e da escola no processo de orientação profissional. Todos estes aspectos fazem parte da identidade do orientando.

Quando o orientador trabalha através das experiências do indivíduo com uma escuta empática, faz com que ele se envolva no processo de maneira ativa, uma vez que o foco está em suas experiências subjetivas, no fenômeno, e no contexto em que ele está inserido (Patton & McMahon, 2006).

Outros trabalhos na área de orientação profissional que utilizaram a linha teórica Fenomenológica Existencial Humanista foram: Lewandowski (2014) onde a autora discute sobre a prática do psicólogo no processo de escolha profissional dentro da perspectiva Fenomenológica Existencial Humanista; Magnan e Feijoo (2013) que em seu livro narram um processo de OP realizado dentro dessa linha teórica; Bueno (2009) apresenta um estudo experimental do processo de OP desenvolvido com base existencial; Ehlich (2002) narra as contribuições dos conceitos existenciais para a orientação profissional; Ehrlich, Castro e Soares (2000) discorrem sobre as ideias de pensadores existenciais humanistas relacionadas ao princípio da escolha chegando até a escolha profissional.

4. MÉTODO

4.1 Participantes

Participaram do presente estudo 78 estudantes do terceiro ano do ensino médio, oriundos de três escolas distintas localizadas no Município de Seropédica- RJ, com idades entre 16 e 20 anos (M=17,3 anos), sendo 44 (56,4%) do sexo feminino e 34 (43,6%) do sexo masculino. Do total de participantes, 24 (30,8%) estudavam em escola federal, 34 (43,6%) estudavam em escola particular e 20 (25,6%) em escola da rede pública estadual. Os alunos foram divididos em dois grandes grupos, 36 (46,2%) compuseram o grupo experimental (grupo que participou da intervenção de OP) e 42

(53,8%) o grupo controle (não participaram da intervenção de OP). Essa divisão foi feita mediante sorteio ou candidatura voluntária a participação em um dos grupos específicos. Dos alunos que compunham o grupo experimental, 14 (38,9%) eram da escola federal, 14 (38,9%) eram da escola particular e 08 (22,2%) eram da escola pública estadual. Do grupo controle, 10 (23,8%) alunos eram da escola federal, 20 (47,6%) da escola particular e 12 (28,6%) da escola pública estadual.

4.2 Instrumentos

Para coleta de dados foram utilizados três instrumentos: (1) Questionário Sócio-demográfico, (2) Escala de Maturidade para Escolha profissional – EMEP (Neiva, 1999), e (3) Escala de Indecisão Vocacional – EIV (Teixeira & Magalhães, 2001).

(1) O *Questionário Sócio-demográfico* foi elaborado para esse estudo, a fim de coletar os dados dos alunos participantes como, por exemplo, características pessoais (nome, contatos, sexo, idade), dados familiares (composição familiar, profissão dos pais) e informações relativas ao processo de escolha (se já trabalhou, se possuiu algum curso profissionalizante, se já participou de alguma intervenção em OP e se já esteve em psicoterapia).

(2) A *Escala de Maturidade para Escolha Profissional* – EMEP (Neiva, 1999) é um instrumento desenvolvido para avaliar os níveis de maturidade profissional em alunos a partir do nono ano até universitários em reorientação. Permite verificar se os alunos necessitam da OP, assim como, posteriormente, pode mensurar a evolução do orientando que realiza o processo de OP. Também detecta as dimensões que precisam ser trabalhadas e os pontos em que a intervenção de OP se mostra mais necessária.

Essa é uma escala multifatorial composta de duas dimensões: *Atitudes* frente à escolha profissional e *Conhecimentos* necessários à escolha profissional. Cada uma dessas dimensões se divide e dão origem a cinco subescalas: *Determinação*, *Responsabilidade* e *Independência* que se referem à Atitude. E *Autoconhecimento* e *Conhecimento da realidade* que se referem à Conhecimentos.

A subescala de *Determinação* mensura o quanto o indivíduo está definido e seguro com relação à sua escolha profissional; A subescala *Responsabilidade* avalia o nível de preocupação com a escolha profissional e o quanto se empreende ações para a efetivação desta. A subescala *Independência* verifica o quanto o indivíduo é capaz de fazer sua escolha profissional sem influenciar-se pelas ideias de outras pessoas. A subescala *Autoconhecimento* avalia a percepção do indivíduo a cerca de suas

características pessoais, interesses, habilidades e valores envolvidos na escolha profissional. E a subescala *Conhecimento da realidade* mensura o quanto esse sujeito considera conhecer os aspectos da realidade socioprofissional, como por exemplo, as profissões, mercado de trabalho e níveis salariais.

A EMEP é uma escala tipo *Likert* de cinco pontos, sendo 1 equivalente a *nunca*, 2 = *raramente*, 3 = *às vezes*, 4 = *frequentemente* e 5 = *sempre*, na qual o objetivo do respondente é avaliar a frequência com que atua ou pensa, de acordo com cada enunciado. É composta por 45 itens, divididos em 23 de ordem positiva e 22 de ordem negativa. Que geram seis pontuações brutas, referentes a cada subescala e a escala total. Sendo a pontuação máxima de 225 pontos. Os resultados se dão em sete faixas de classificação: *Muito Inferior (I-)*, *Inferior (I)*, *Médio Inferior (MI)*, *Médio (M)*, *Médio Superior (MS)*, *Superior (S)* e *Muito Superior (S+)*. Suas características psicométricas verificadas no estudo de validação (Neiva, 1998) possuem níveis adequados de consistência interna (alfa de Cronbach) entre 0,77 e 0,91. E está aprovada pelo Sistema de Avaliação de Testes Psicológicos (SATEPSI).

(3) A *Escala de Indecisão Vocacional* – EIV (Teixeira & Magalhães, 2001) é um instrumento que avalia o construto da indecisão vocacional de uma maneira geral, levando em consideração os aspectos de insegurança, ambivalência e ansiedade que podem estar envolvidos no processo da tomada de decisão quanto à escolha profissional. Seu objetivo é quantificar o nível de indecisão, independentemente dos fatores qualitativos que caracterizam o fenômeno. O estudo de validação desse instrumento (Teixeira & Magalhães, 2001) indica que a escala é capaz de diferenciar níveis de indecisão entre aqueles alunos que procuram orientação profissional e os que não procuram, além de detectar alteração no nível de indecisão após a realização de OP. A EIV apresentou um índice de consistência interna (alpha de Cronbach) de 0,86, o que estatisticamente a torna uma escala válida e fidedigna, apta a ser utilizada em pesquisas sobre desenvolvimento vocacional.

Ela é composta por sete itens, cujo sistema de resposta é no modelo *Likert* de 5 pontos, na qual os estudantes avaliam o quanto cada item descreve ou não seu estado no momento. Sendo 1 correspondente a afirmação: *A frase é totalmente falsa a meu respeito*. E 5 = *A frase é totalmente verdadeira a meu respeito*. Sendo possível também usar os números intermediários 2, 3 e 4. Para se chegar ao escore total somam-se todos os pontos marcados em cada item, o resultado pode variar de 5 a 35 pontos. Quanto maior a pontuação obtida, maior o grau de indecisão.

4.3 Procedimentos

Esse é um estudo longitudinal, de caráter experimental e delineamento correlacional (Breakwell, Hammond, Fife-Schaw, Smith & Haase, 2010). Inicialmente essa pesquisa foi submetida ao comitê de ética da UFRRJ, que aprovou sua realização e gerou o processo nº 23083.008555/2016-06. Em seguida foi realizado contato com as escolas que tinham o perfil da pesquisa, ou seja, que possuíam turmas de terceiro ano do Ensino Médio e que concordassem em ceder um espaço para aplicação das escalas e realização dos grupos de OP. Os diretores assinaram um termo de autorização.

Três escolas foram selecionadas: Uma da rede pública do segmento Federal, outra da rede pública do segmento Estadual e outra da rede Privada. Após a seleção e acordos com as escolas foi realizada uma divulgação da pesquisa entre os alunos do terceiro ano. Uma palestra sobre “*Como realizar escolhas*” foi dada em cada escola, e ao término foi feito o convite para que os alunos presentes respondessem voluntariamente as escalas usadas na pesquisa, o questionário sócio-demográfico e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Aos que possuíam menos de 18 anos, foi solicitado autorização dos responsáveis.

Após o preenchimento dos instrumentos, foi perguntado aos alunos quem gostaria de participar de um grupo de orientação profissional e poderia se comprometer com esse trabalho. Entre todos que se voluntariaram foi feito um sorteio que selecionou os participantes do grupo experimental. Os demais compuseram o grupo controle da pesquisa. Até esse ponto, se caracteriza o momento 1 (M1) da pesquisa.

Em seguida, iniciaram-se os três grupos de OP, um em cada escola. Os encontros aconteceram uma vez por semana, com duração de noventa minutos. Aconteceram oito encontros. Após o término dos encontros, foi realizado um contato com todos os alunos que participaram do M1, para preenchimento das escalas novamente. Os alunos que participaram do grupo experimental responderam as escalas ao final do oitavo encontro. Já os alunos que compuseram o grupo controle, responderam em sala, após a aula. Esse ponto marca o momento 2 (M2) da pesquisa. Foram utilizados nessa pesquisa, apenas os dados dos alunos que participaram dos dois momentos, M1 e M2.

4.4 Análise dos dados

Após a coleta dos dados foi realizada a análise do questionário sócio-demográfico e o tratamento estatístico das duas escalas aplicadas, utilizando o *software* SPSS, versão 20. O tratamento incluiu a correlação entre os dois construtos (maturidade e indecisão) e variáveis sócio-demográficas (sexo, tipo de escola, experiência profissional e psicoterapia). Assim como também, a comparação entre os grupos experimental e controle. E a comparação dos resultados mensurados nos diferentes momentos da investigação (M1 e M2). A correlação entre as escalas foi realizada através da correlação de Pearson. A comparação entre as variáveis em cada momento individualmente foi realizada através do teste T de student, quando comparados dois grupos e ANOVA quando comparados mais de dois grupos. Adicionalmente, foram realizados testes de comparação de médias para amostras pareadas para avaliar os resultados obtidos entre o M1 e o M2. Todas as análises foram realizadas considerando um nível de significância de $p < 0,05$.

Em relação à EMEP, após as classificações originais estabelecidas pelo instrumento (Neiva, 1999), esse trabalho, assim como Junqueira et al. (2004), reagrupou as categorias da seguinte forma: abaixo de médio (M-), médio (M) e acima de médio (M+). Sendo assim, os valores referentes aos percentis de 1 a 25, que na classificação original correspondiam às categorias muito inferior, inferior e médio inferior passaram a compor a categoria abaixo de médio. Os percentis de 30 a 70 continuaram a compor a categoria médio. E os percentis de 75 a 99, que na classificação original correspondiam às categorias médio superior, superior e muito superior passam a corresponder à categoria acima de médio.

4.5 Intervenção: O grupo de OP

O conteúdo dessa intervenção foi elaborado pelos autores da presente pesquisa, com base na literatura existente. Foi montado um programa de OP onde se utilizou técnicas que foram desenvolvidas pela própria equipe de pesquisadores e outras já publicadas. Esse programa é composto por oito encontros, divididos em quatro etapas:

Primeira etapa - *Formação do Grupo*: Essa etapa foi composta por um encontro, cujo objetivo foi à integração dos participantes, a formação de vínculos, a criação do sentimento de pertencimento e concepção de um ambiente seguro. Foram utilizadas dinâmicas de grupo que promoveram reflexões e ao final foi realizado um contrato psicológico que trabalhou a importância do sigilo do que fosse compartilhado no grupo, acordos sobre faltas e atrasos e o respeito mútuo.

Segunda etapa – *Autoconhecimento*: Composta por dois encontros, onde foram utilizadas técnicas de dinâmica de grupo e exercícios individuais. O objetivo foi levar o orientando a refletir sobre suas características pessoais, identificar suas crenças e o que as norteiam, assim como também, reconhecer suas habilidades e interesses.

Terceira etapa – *Conhecendo as profissões*: Essa etapa contou com três encontros e objetivou direcionar o orientando a conhecer sobre o mundo do trabalho, tomar contato com as profissões, aprofundar conhecimento sobre as profissões com as quais foi se identificando. Também foram utilizadas técnicas de dinâmicas de grupo e instrumentos específicos da área de OP.

Quarta etapa – *Elaboração do projeto de futuro*: Essa foi à última etapa e englobou os dois últimos encontros. Seu objetivo se manteve em realizar uma junção das características pessoais, dos gostos e das habilidades dos orientandos com as características das profissões. Promover uma compreensão realista do que é possível e a identificação do que precisa ser desenvolvido. Assim como também, oferecer suporte para realização da escolha profissional e preparar o grupo para o encerramento do trabalho.

Técnicas de Intervenção desenvolvida pela equipe da pesquisa

Na Tabela 1 estão as técnicas utilizadas na intervenção de OP, divididas por encontros e fases do programa. As técnicas que foram retiradas da literatura ou adaptadas estão com suas respectivas referências. Já as que foram elaboradas pela equipe da pesquisa estão sinalizadas pela sigla TDEP (Técnica Desenvolvida pela Equipe da Pesquisa).

Dentre as técnicas que foram desenvolvidas pela equipe:

(1) O Diário de Bordo, que foi uma ferramenta criada para que os alunos pudessem relatar suas percepções pessoais sobre o programa ajudando assim a identificar dúvidas, descobertas, medos e estratégias. Os alunos receberam um diário

onde após cada sessão, deveriam escrever sobre seus sentimentos em relação aquele encontro;

(2) O Exercício da Gratidão foi uma técnica que exercitou o reconhecimento de coisas positivas que os alunos já tinham conquistado. Onde, em roda, eles deveriam dizer em voz alta para o grupo pelo que se sentiam gratos;

(3) O Questionário para os pais foi uma técnica que objetivou identificar o quanto os pais influenciavam nas escolhas dos filhos. Para tal, um questionário com perguntas discursivas foi dado aos estudantes, para que eles próprios preenchessem mediante as respostas dos pais.

(4) Pense Rápido foi uma técnica que buscou identificar respostas automáticas dos participantes. Onde quatro perguntas foram feitas e eles deveriam responder a primeira coisa que lhes viessem a cabeça: Que profissão eu gosto? Que profissão eu não gosto? Que profissão eu tenho dúvida? E que profissão eu não conheço?

(5) No Jogo da Memória das profissões os estudantes deveriam encontrar os pares das cartas de profissão idênticas. A cada carta que viravam liam as informações contidas sobre aquela profissão. Se formassem o par similar, o estudante pontuava. Se não, deveria escolher entre uma das duas profissões para interpretar a sua forma de atuação;

(6) A Escala de Auto Avaliação era composta de uma lista com vinte características onde os adolescentes deveriam dizer o quanto possuíam de cada uma, marcando uma escala de 0 a 10;

(7) Na técnica do Certificado, os estudantes deveriam preencher as lacunas utilizando todas as informações adquiridas sobre si ao longo de todo processo de OP, desencadeando no reconhecimento da sua escolha profissional.

Tabela 1: *Técnicas do Programa de OP*

Etapa	Encontro	Técnicas Presenciais	Técnicas Extra-Grupo
Formação do Grupo	1	-Confecção de crachás (adaptado de Serrão & Baleeiro, 1999) -Bingo das Profissões (adaptado de Militão & Militão, 2000); -Construção da Máquina (Serrão et al., 1999); -Boneco do Medo e das Expectativas (adaptado de Serrão et al., 1999); -Contrato Psicológico (adaptado de Yalom & Leszcz, 2006).	-Diário de Bordo (TDEP); -Escrever uma autobiografia livre.
	2	-João Bobo (Serrão et al., 1999); -Resgate da tarefa de casa; -Preenchimento em trio da autobiografia direcionada (adaptado de Esbroge, 2008); -Exercício da gratidão (TDEP); -Baralho das Profissões (Frota, Ribeiro & Seregate, 2016).	-Diário de Bordo (TDEP); -Questionário para os Pais (TDEP).
Auto_ conhecimento	3	-Trabalhador, empresa e crise (adaptado de Militão & Militão, 2000); -Resgate da tarefa de casa; -Como escolho escolher (Serrão et al., 1999); -Curtograma (Spaccaquerche & Fortim, 2009) -Baralho das profissões (Frota et al., 2016)	-Diário de Bordo (TDEP).
	4	-Pense Rápido (TDEP); -Jogo da memória das profissões com preenchimento de folha resposta (TDEP); -Discussão da folha resposta; -Baralho das profissões (Frota et al., 2016).	-Diário de Bordo (TDEP); -Assistir vídeo de entrevista com profissionais que apareceram na folha de resposta.
Conhecendo as profissões	5	-Nome, profissão e movimento (adaptado de Serrão et al., 1999); -Resgate da tarefa de Casa; -Jogo das Profissões (Bertelli, 2007); -Baralho das profissões (Frota et al., 2016).	-Diário de Bordo (TDEP); -Assistir vídeo de entrevista com profissionais que mais se identificou durante o jogo.

	6	<ul style="list-style-type: none"> -Resgate da tarefa de casa; -Profissão que não me convém (adaptado de Spaccaquerche & Fortim, 2009); -Escala de auto avaliação (TDEP); -1ª e 2ª parte do Critérios para escolha profissional (Neiva, 2015); -Baralho das profissões (Frota et al., 2016). 	<ul style="list-style-type: none"> -Diário de Bordo (TDEP); -Terminar de preencher a 2ª parte do critérios para escolha profissional.
Elaboração do Projeto de Futuro	7	<ul style="list-style-type: none"> -Discussão da 2ª folha do Critérios para Escolha profissional e preencher a terceira folha (Neiva, 2015); -Lista de perguntas de Bohoslavsky (Bohoslavsky, 1977); -Jogo Escolhas da Vida (Cruzada Estudantil Brasil, 2015); -Baralho das profissões (Frota et al., 2016). 	<ul style="list-style-type: none"> -Diário de Bordo (TDEP); -Entrevista com profissional selecionado na 3ª folha do Critérios para escolha profissional.
	8	<ul style="list-style-type: none"> -Despedida no Aeroporto (adaptado de Soares-Lucchiari, 1997); -Carta para o futuro (Serrão et al., 1999); -Preencher o certificado (TDEP); -Sacola mágica (Militão & Militão, 2000); -Presente mágico (Militão & Militão, 2000); -Preenchimento das escalas de Maturidade e Indecisão. 	

TDPE = Técnica Desenvolvida pela Equipe da Pesquisa.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na Tabela 2 estão expostos os resultados do questionário sócio-demográfico dos participantes da pesquisa. É possível verificar que a amostra total deste estudo possui uma discreta preponderância de estudantes do sexo feminino. Houve maior participação de alunos da rede privada. A maioria, 74,4% dos participantes, nunca trabalhou. Assim como também, 77,8% não possuíam nenhum tipo de curso profissionalizante. Apenas uma parcela pequena de 10,3% dos alunos fazem ou já fizeram psicoterapia, e desses, todos exceto um, faziam parte do grupo controle. E em relação a já terem tido contato com alguma prática de OP, apenas uma pequena parcela (15,4%) declarou que sim.

Tabela 2: *Dados Sócio-Demográficos*

		Amostra Total	Experimental	Controle
		N (%)	N (%)	N (%)
Sexo	Masculino	34 (43,6)	15 (41,7)	19 (45,2)
	Feminino	44 (56,4)	21 (58,3)	23 (54,8)
Escola	Federal	24 (30,8)	14 (38,9)	10 (23,8)
	Particular	34 (43,6)	14 (38,9)	20 (47,6)
	Pública Estadual	20 (25,6)	08 (22,2)	12 (28,6)
Trabalha/Já Trabalhou	Sim	20 (25,6)	11 (30,5)	09 (21,4)
	Não	58 (74,4)	25 (69,5)	33 (78,6)
Possui curso profissionalizante	Sim	17 (21,8)	08 (22,2)	09 (21,4)
	Não	61 (78,2)	28 (77,8)	33 (78,6)
Faz/ Já fez Psicoterapia	Sim	08 (10,3)	01 (2,8)	07 (16,7)
	Não	70 (89,7)	35 (97,2)	35 (83,3)
Já teve contato com alguma prática de OP	Sim	12 (15,4)	07 (19,4)	05 (11,9)
	Não	66 (84,6)	29 (80,6)	37 (88,1)
Total		78 (100)	36 (46,2)	42 (53,8)

Ao comparar os níveis de Indecisão e Maturidade com as subcategorias dos dados sócio-demográficos dispostos na tabela 2, as variáveis sexo, experiência com o trabalho, realização de curso profissionalizante, frequência em psicoterapia, contato com técnicas de OP e tipo de escola, buscou-se verificar a existência de diferenças.

A tabela 3 expõe as médias dos construtos analisados no momento 1 (T1) em função do sexo. A variável sexo, não interferiu de forma significativa no nível de maturidade geral e de indecisão para escolha profissional dos indivíduos. Contudo, quando observamos de forma mais segmentada, é possível verificar que as moças apresentaram média significativa maior que os rapazes na subcategoria responsabilidade. Apontando assim, que em relação à escolha profissional, as moças mostram-se mais responsáveis do que os rapazes. Esse resultado também foi encontrado por Neiva (2003) e Neiva et al. (2005).

Tabela 3: Comparação das médias de Indecisão, Maturidade e suas Subcategorias em relação ao sexo.

	Sexo	
	Feminino N=44 (DP)	Masculino N=34 (DP)
Maturidade Total	148,2 (24,3)	145,4 (23,3)
Determinação	31,8 (11,7)	32,8 (9,6)
Responsabilidade	36,8 (5,8)**	32,5 (6,8)**
Independência	26,5 (5,7)	25,7 (4,9)
Autoconhecimento	22,3 (6,2)	23,5 (6,1)
Conhec. da Realidade	30,7 (7,0)	30,8 (5,7)
Indecisão	22,1 (8,1)	21,1 (6,5)

**Diferença significativa: $p \leq 0,01$

Esse resultado é corroborado por outras pesquisas, cujos autores não encontraram correlação significativa entre a maturidade e o sexo (Neiva, 2003; Balbinotti, Wiethaeuper & Barbosa, 2004; Noce, 2008; Corlatti, 2009; Lassance, Bardagi & Teixeira, 2009; Junqueira & Melo-Silva, 2014; Lobato & Koller, 2003). Contudo, esse não é um resultado unânime, diversos outros estudos encontraram maior

maturidade para escolha profissional no sexo feminino (Balbinotti, 2003; Neiva et al., 2005; Balbinotti & Tétreau, 2006; Jukeira & Melo-Silva, 2014). Já o resultado de maior nível de maturidade no sexo masculino não foi encontrado em nenhum dos estudos analisados.

Esses diferentes resultados, não nos permite afirmar se o sexo influência ou não, de forma universal, na maturidade para escolha profissional dos jovens. Considerando que as pesquisas verificadas foram realizadas em diferentes regiões, que impacta na diferença de cultura, funcionando assim como outra variável além do sexo. Contudo, o que podemos concluir é que, para a população estudada, o sexo não foi significativamente determinante nem para a maturidade da escolha profissional, nem para o nível de indecisão. Porém se mostrou determinante em relação ao nível de “responsabilidade”, tendo as meninas se mostrado mais responsáveis para a realização da escolha profissional.

Ao ser considerada a experiência com o trabalho, ou seja, se trabalhavam ou se já tinham entrado em contato com o mercado de trabalho, entendendo por trabalho, qualquer atividade que eles classificassem como trabalho, não foi encontrado resultado significativo na associação com o nível de indecisão e maturidade para escolha profissional, assim como também com nenhuma de suas subcategorias, conforme expresso na Tabela 4. Colombo et al. (2014) encontrou resultado semelhante em seu estudo quando comparou o nível de maturidade para escolha profissional de adolescentes que estudavam e trabalhavam versus adolescentes que não trabalhavam. Apesar dos estudantes que trabalhavam apresentarem escores de maturidade inferior em relação aos que não trabalhavam, a diferença foi modesta. Neste estudo também, a despeito do grupo que já tinha experiência profissional apresentar média de maturidade menor do que os que não a possuíam, ambos são iguais em nível de maturidade para escolherem suas profissões.

Tabela 4: *Comparação das médias de Indecisão, Maturidade e suas Subcategorias em relação à experiência com o trabalho e curso profissionalizante.*

	Trabalha/ Já trabalhou		Curso Profissionalizante	
	Sim N=20 (DP)	Não N=57 (DP)	Sim N=17 (DP)	Não N=60 (DP)
Maturidade Total	140,1 (21,8)	150,0 (23,7)	145,7 (18,2)	147,4 (25,4)
Determinação	29,6 (10,8)	33,4 (10,7)	31,7 (12,1)	32,2 (10,5)
Responsabilidade	32,9 (6,3)	35,9 (6,4)	34,7 (5,5)	34,9 (6,9)
Independência	25,0 (4,0)	26,5 (5,8)	26,4 (4,8)	26,1 (5,6)
Autoconhecimento	22,5 (5,8)	23,1 (6,2)	23,2 (5,1)	22,8 (6,4)
Conhec. da Realidade	30,0 (4,9)	31,1 (6,9)	29,7 (4,6)	31,2 (6,8)
Indecisão	22,8 (7,5)	21,14 (7,5)	21,6 (8,4)	21,7 (7,3)

Ao investigar a relação no nível de indecisão e de maturidade com a realização de cursos profissionalizantes, não foi encontrada em toda literatura pesquisada, estudos que relacionassem essas variáveis. Sendo assim apresentamos acima, na tabela 4, os resultados encontrados nesse estudo. A hipótese inicial formulada pela equipe de pesquisa era que o contato com o ensino profissional específico poderia diminuir a dúvida e conferir mais certeza sobre a futura profissão. Contudo, o que se pode observar foi que o fato de realizar um curso profissionalizante não interferiu na maturidade e nem a indecisão do estudante na hora de escolher sua profissão. Assim como também em nenhuma das subcategorias da maturidade.

Esse resultado levanta questionamentos a cerca do que tem levado os estudantes a realizarem cursos profissionalizantes. Quais têm sido os critérios de escolha de qual curso fazer? O investimento de tempo, financeiro e de aprendizado tem sido aproveitado? É possível que esteja havendo um investimento mal canalizado. Se o estudante ainda não está maduro para realizar escolhas no sentido profissional, talvez seja precoce a realização de um curso profissionalizante. Sendo talvez mais eficiente trabalhar o autoconhecimento, desenvolvimento pessoal e emocional, para que este jovem consiga ser mais assertivo em suas escolhas futuras.

Pensando sobre a prática de modalidades que buscam trabalhar o desenvolvimento pessoal do indivíduo, a psicoterapia foi tomada como uma dessas modalidades nesse estudo, objetivando investigar a associação entre a realização de psicoterapia e os níveis de maturidade e de indecisão.

Apesar das médias dos alunos que fazem ou já fizeram psicoterapia terem sido mais elevadas em todas as categorias e subcategorias, exceto independência, estatisticamente essa variável não se mostrou relevante na determinação do índice de maturidade geral e indecisão em relação à escolha da profissão. Tendo se destacado apenas na subcategoria responsabilidade, apontando que os alunos que passam por intervenção psicoterapêutica, se mostram mais responsáveis ao realizarem a escolha da profissão (Tabela 5).

Contudo, um fato que deve ser apontado é a discrepância existente entre o número de participantes que fizeram ou fazem psicoterapia (08) em relação aos que nunca tiveram contato (70). Esse fato se deu em virtude da aleatoriedade na composição da amostra. Outro ponto a ser destacado é a falta de literatura que relacione psicoterapia com maturidade e indecisão para escolha profissional. Não sendo possível assim, que os dados encontrados aqui corroborassem ou refutassem nenhum outro estudo, tornando-os assim pioneiros.

Tabela 5: *Comparação das médias de Indecisão, Maturidade e suas Subcategorias em relação à psicoterapia e contato anterior com OP.*

	Psicoterapia		OP	
	Sim N=08 (Dp)	Não N=70 (Dp)	Sim N=12 (Dp)	Não N=66 (Dp)
Maturidade Total	160,7 (15,2)	145,4 (24,1)	143,2 (22,1)	147,6 (24,1)
Determinação	35,0 (11,7)	31,9 (10,7)	30,6 (10,6)	32,6 (10,9)
Responsabilidade	40,4 (5,4)*	34,3 (6,4)*	35,0 (6,0)	34,9 (6,7)
Independência	25,7 (6,7)	26,2 (5,2)	27,0 (5,0)	26,0 (5,4)
Autoconhecimento	25,1 (4,5)	22,6 (6,2)	21,2 (4,5)	23,1 (6,3)
Conhec. da Realidade	34,5 (8,6)	30,3 (6,1)	29,5 (7,4)	31,0 (6,3)
Indecisão	17,4 (9,1)	22,1 (7,1)	25,2 (7,0)	21,0 (7,4)

*Diferença significativa: $p \leq 0,05$

Outro aspecto investigado foi se os alunos já tinham participado de algum tipo de intervenção na área de OP e se isso influenciaria nos constructos analisados: Maturidade e indecisão profissional. Todos os participantes que declararam já terem tido contato com alguma prática em OP, se referiram a testes informais online sem qualquer legitimidade oficial. O resultado obtido foi que o contato com esse tipo de teste nada interfere no nível de maturidade e de indecisão na escolha da profissão, não tendo assim nenhum efeito e eficácia diante dos construtos analisados (Tabela 5).

Em relação a esse dado encontrado é válido pontuar que os testes informais online são recursos que vêm sendo utilizados, mas que estão longe de realmente serem uma prática de OP. Não são materiais oficiais, testados e reconhecidos. E, portanto, não possuem fundamento para nortear qualquer processo de autoconhecimento e de tomada de decisões.

Um alerta deve ser feito em relação a essa temática, pois com o crescimento exponencial do uso da internet, a prática de recorrer a esse tipo de ferramenta pode ser ampliada, levando a conclusões errôneas por parte dos usuários ou até mesmo um desinvestimento em um processo sério e reconhecido de OP. Também não foi encontrado na literatura consultada, nenhum estudo que abordasse essa temática especificamente.

Na composição desse estudo foram utilizadas três categorias de escolas: Federal, Particular (privada) e Pública Estadual. A partir dos dados colhidos, realizamos uma comparação preliminar das médias dos alunos de cada escola em relação aos construtos abordados nesse trabalho. Verificamos que, estatisticamente, as três amostras estavam equiparadas (tabela 6). Apesar de estudarem em escolas distintas, os níveis de Maturidade e suas subcategorias, assim como também o nível de indecisão, não mostraram diferença significativa, com exceção do nível de responsabilidade dos alunos da escola Federal e Particular.

Tabela 6: *Comparação das médias de Indecisão, Maturidade e suas Subcategorias em relação aos tipos de escola. (ANOVA)*

	Escolas		
	Federal N=24 (DP)	Particular N=34 (DP)	Estadual N=20 (DP)
Maturidade Total	147,1 (23,8)	145,5 (24,9)	149,3 (22,6)
Determinação	28,9 (10,2)	32,8 (10,8)	35,2 (11,0)
Responsabilidade	38,2 (5,3)*	33,5 (6,6)*	33,6 (6,8)
Independência	24,3 (5,9)	27,1 (5,1)	26,7 (4,6)
Autoconhecimento	23,2 (6,8)	22,3 (6,1)	23,2 (5,6)
Conhec. da Realidade	32,5 (5,6)	29,7 (7,8)	30,4 (4,1)
Indecisão	23,7 (7,5)	21,5 (7,8)	19,2 (6,2)

*Diferença significativa: $p \leq 0,05$

O interesse em levantar esse dado se deu em virtude dos diferentes resultados observados na literatura. Nos estudos de Balbinotti et al. (2004) e Balbinotti et al. (2006) os autores defendem que os alunos de escolas públicas possuem níveis de maturidade para escolha profissional mais elevados do que os alunos de escolas particulares. Os pesquisadores levantam a hipótese de que os alunos da rede pública têm maiores chances de experimentarem situações difíceis, inclusive em relação a sua formação, que podem conduzi-los a uma maior aceitação das oportunidades que aparecerem, e isso por sua vez acaba refletindo na maturidade com a qual realizam essas escolhas.

Em contrapartida Neiva et al. (2005) apontaram um resultado inverso, onde os estudantes da rede privada se apresentavam mais maduros para escolherem a profissão. Segundo a autora, um fato que pode justificar esse resultado é a diferença em relação ao nível de ensino dessas escolas, assim como também em relação ao nível socioeconômico e cultural dos alunos que as frequentam. A autora ainda afirma que, em geral, as escolas da rede privada no Brasil têm níveis de ensino mais elevado que os das escolas da rede pública. E essas proporcionam a seus alunos mais oportunidades de discutir sobre sua escolha profissional e mais acesso a informações profissionais. E

esses alunos por sua vez, apresentam então maior independência com relação aos fatores socioeconômicos que afetam essa escolha.

Junqueira et al. (2014) e Colombo et al. (2014) apresentaram resultados semelhantes ao encontrado neste estudo, onde o tipo de escola não interferiu no nível de maturidade dos participantes. Os resultados obtidos por Bardagi (2002), também corroboram os dados encontrados aqui, pois apontam para a indiferença do tipo de escola quanto ao nível de indecisão na hora de escolher a profissão. Colombo et al. (2014) defendem que um dos fatores relevantes na construção do resultado encontrado é a força da cultura local onde o estudo foi realizado. Que tem o trabalho como motivo de orgulho e dedicação, passado dos pais para os filhos. Desse modo, o tipo de escola, pública ou privada, não exerce tanta influencia na maturidade e na indecisão da escolha profissional quanto à cultura familiar.

Em relação à diversidade de resultados e de justificativas apresentadas nos trabalhos consultados, é necessário que seja levado em consideração que as pesquisas ocorreram em locais diferentes. E os resultados dos níveis de maturidade e indecisão que variaram em função do tipo de escola apareceram nas pesquisas realizadas em grandes cidades, onde as redes de ensino, tanto pública quanto privada, tem uma grande extensão que propicia a diversidade das escolas que a compõem, tanto em relação ao porte, investimentos, destinação de recursos e qualidade.

Por sua vez, esse estudo foi realizado em um município pequeno da baixada fluminense do Estado do Rio de Janeiro, no qual não há grande variedade de opções de escolas da rede particular, e nem grandes discrepâncias nos investimentos feitos pela Secretaria de Educação nas escolas da rede pública municipal. O que contribui para um nivelamento. Porém, se faz importante pontuar o prestígio e o destaque que a escola federal tem neste município. Até mesmo a forma de ingresso é diferenciada, tendo os candidatos que realizarem prova de admissão. O que pode justificar a diferença significativa entre o nível de responsabilidade dos alunos da escola federal em relação aos alunos da escola particular. Apesar de não ter sido encontrada diferença estatística significativa entre os níveis de responsabilidade da escola estadual (Média = 33,6) com a federal (Média = 38,2), há claramente uma tendência de menor responsabilidade na escola estadual com um p-valor limítrofe ($p=0,53$).

Sendo assim, é possível aplicar o pensamento de Colombo et al. (2014), nos resultados obtidos no momento 1 dessa pesquisa. Reconhecendo que os diferentes tipos de escolas, a princípio, não interferiram no nível de maturidade e indecisão profissional dos alunos.

Contudo, visando uma exposição mais objetiva dos resultados, nesse estudo adotou-se a forma de reorganização das faixas de classificação proposta por Junqueira et al. (2014), já descrita anteriormente na parte do método desse trabalho.

Sendo assim, é possível verificar na Tabela 7, que o grupo controle iniciou esse estudo tendo 50% dos seus integrantes com o nível de maturidade mediano para escolher a profissão e 43% abaixo da média. Tendo apenas 7,2% dos alunos maduros para fazerem essa escolha. Em relação às subcategorias da Maturidade, em nenhuma delas houve maior concentração de estudantes acima da média. Os maiores índices foram em relação à “responsabilidade”, onde 71,4% dos alunos estavam abaixo da média e “autoconhecimento”, com 52,4% também abaixo da média. De forma geral, a leitura que se pode fazer é que o grupo controle iniciou a pesquisa medianamente maduro para realizar a escolha da profissão, mas sem se responsabilizar por ela, pois possuía baixo nível de autoconhecimento.

Tabela 7: *Classificação diagnóstica da maturidade e das subcategorias do grupo controle e experimental no momento 1 (M1).*

Classificação	Controle N (%)					
	Det	Resp	Ind	Aut C	C Real	Mat Total
Abaixo de médio	09 (21,4)	30 (71,4)	16 (38,1)	22 (52,4)	17 (40,5)	18 (43,0)
Médio	22 (52,4)	11 (26,2)	20 (47,6)	13 (31,0)	17 (40,5)	21 (50,0)
Acima de médio	11 (26,2)	1 (2,4)	06 (14,3)	07 (16,7)	08 (19,0)	03 (7,2)
	Experimental N (%)					
Abaixo de médio	26 (42,2)	24 (66,6)	18 (50,0)	22 (61,1)	16 (44,4)	27 (74,9)
Médio	07 (19,4)	11 (30,6)	14 (38,9)	11 (30,6)	17 (47,2)	07 (19,4)
Acima de médio	03 (8,3)	01 (2,8)	04 (11,2)	03 (8,4)	03 (8,4)	02 (5,6)

O grupo experimental, por sua vez, iniciou a pesquisa com a maior parte de seus integrantes (74,9%) dentro da faixa de maturidade abaixo da média para escolherem a profissão. Em todas as subcategorias da maturidade, excetuando determinação e

conhecimento sobre a realidade, a maioria dos participantes também se manteve abaixo da média. E menos de 10% dos participantes obtiveram resultados acima da média. A maior parte dos estudantes desse grupo estava imatura, irresponsável, e com baixa capacidade de escolher sozinho a futura profissão, pois não se conhecia o suficiente para assim o fazer.

Dentre os estudos analisados, poucos realizaram a classificação diagnóstica da amostra com a qual trabalharam. O de Junqueira et al. (2014) é um desses estudos. Nele é possível observar que os resultados encontrados se assemelham aos do presente estudo, no qual a maior parte da amostra (62,97%) também foi classificada na faixa abaixo da média em relação à maturidade. Assim como também, mais da metade da amostra estava abaixo da média nas subcategorias “determinação” (70,9%), ”autoconhecimento” (60%) e ”conhecimento da realidade” (59,9%).

Todo tipo de intervenção em psicologia, passa pela aceitação e vontade do indivíduo de participar espontaneamente. E nesse trabalho não foi diferente. A proposta da pesquisa foi explicada a todos os candidatos e estes puderam se voluntariar ou não para participar. Dos candidatos, uma parte se inscreveu diretamente para participar do grupo experimental, outros apenas para o grupo controle e outros para os dois. Por fim, foi realizado sorteio para o fechamento da composição dos grupos. É possível que essa dinâmica dos acontecimentos possa ter contribuído para a configuração dos grupos. Sendo o grupo experimental possuidor da maioria dos participantes localizados na faixa diagnóstica abaixo da média, tanto em relação à maturidade para escolha profissional geral, quanto para suas subcategorias. Revelando-se despreparado para fazer essa escolha.

Foi realizada também a classificação diagnóstica na amostra depois da intervenção, apresentada na Tabela 8. É possível observar, que o grupo controle reduziu o número de participantes abaixo da média em todas as subcategorias mensuradas e também em relação à maturidade para escolha profissional. Mas ainda conservou a maior concentração de alunos (61,9%) na faixa abaixo da média na subcategoria Responsabilidade. E mais da metade dos alunos (52,4%) ainda se encontravam medianamente maduros para realizarem a escolha de sua profissão.

Em relação ao grupo experimental nota-se que o número de participantes que estavam na faixa abaixo da média reduziu em todas as subcategorias e na maturidade

total reduziu pela metade, passando de 74,9% para 36,1%. Também aumentou o número dos alunos acima de médio em todas as subcategorias e na maturidade total triplicou, aumentando de 5,6% para 16,7%.

Tabela 8: *Classificação diagnóstica da maturidade e das subcategorias do grupo controle e experimental no momento 2 (M2).*

Classificação	Controle N (%)					
	Det	Resp	Ind	Aut C	C Real	Mat Total
Abaixo de médio	08 (19,1)	26 (61,9)	12 (28,5)	16 (38,0)	14 (33,3)	14 (33,3)
Médio	24 (57,1)	14 (33,3)	21 (50,0)	13 (31,0)	19 (45,2)	22 (52,4)
Acima de médio	10 (23,8)	02 (4,8)	09 (21,5)	13 (31,0)	09 (21,5)	06 (14,3)
Classificação	Experimental N (%)					
	Det	Resp	Ind	Aut C	C Real	Mat Total
Abaixo de médio	06 (16,7)	20 (55,5)	09 (25,0)	15 (41,6)	09 (25,0)	13 (36,1)
Médio	20 (55,6)	13 (36,1)	22 (61,1)	13 (36,1)	14 (38,9)	17 (47,2)
Acima de médio	10 (27,7)	03 (8,4)	05 (13,9)	08 (22,3)	13 (36,1)	06 (16,7)

A tabela 9 apresenta os resultados da comparação das médias de Indecisão e Maturidade (total e subcategorias) dos grupos controle e experimental antes depois da intervenção. É possível observar que o grupo controle iniciou o processo mais maduro e menos indeciso do que o grupo experimental. Assim como também apresentou maior índice significativo de determinação.

Após a intervenção observa-se uma mudança bastante significativa nesse cenário. Os estudantes do grupo experimental que eram menos maduros do que os do grupo controle, não só se equipararam, como ultrapassaram a média de maturidade e determinação para escolherem suas profissões. Após a intervenção, os dois grupos ficaram equivalentes em todos os aspectos mensurados. O que indica um avanço dos alunos do grupo experimental, pois antes da intervenção, todas as suas médias se encontravam abaixo das do grupo controle. Mas ainda é válido pontuar que além das médias de maturidade geral e determinação do grupo experimental terem ultrapassado as do grupo controle, as de responsabilidade e conhecimento da realidade se igualaram estatisticamente.

Quando a comparação é feita em relação ao mesmo grupo em momentos distintos, verifica-se que os alunos do grupo controle diminuíram sua média de indecisão e aumentaram a de maturidade, de determinação e de autoconhecimento em

relação à escolha profissional apenas com a passagem natural do tempo. Indicando assim que naturalmente, a medida que o tempo vai agindo sobre os adolescentes, eles tendem a percorrer o caminho do desenvolvimento, amadurecendo para realizarem escolhas, incluindo a profissional. Mas apesar desse resultado de variação, a maior parte dos alunos do grupo controle (85,7%) não avançaram quanto ao diagnóstico classificatório, continuando com níveis medianos ou abaixo da média de maturidade para escolherem a profissão (Tabela 7).

O grupo experimental, por sua vez, obteve progresso significativo em todas as áreas investigadas após participar do grupo de OP (intervenção) proposto. Esse resultado indica que a intervenção em OP favoreceu o desenvolvimento da maturidade para a escolha profissional dos estudantes e reduziu o grau de indecisão para realização desta. Aponta ainda que ao final da intervenção os adolescentes encontravam-se mais determinados, responsáveis e independentes. Que ampliaram seu nível de autoconhecimento e possuíam mais conhecimento da realidade profissional. Estando assim, mais seguros para realizarem sua escolha. E em relação ao diagnóstico classificatório, houve um avanço por parte dos alunos do grupo experimental, a maior concentração de alunos passou a ocupar a faixa mediana (47,2%) de maturidade. Antes da intervenção, 74,9% possuíam o nível de maturidade abaixo da média para escolherem sua profissão.

Tabela 9: *Comparação das médias de Indecisão, Maturidade e suas Subcategorias em relação aos diferentes grupos nos momentos 1(M1) e 2 (M2).*

	Momento 1 (M1)		Momento 2 (M2)	
	Cont (N=42)	Exp (N=36)	Cont(N=42)	Exp (N=36)
Maturidade Total	153,5* ^{1 e 2}	139,3* ^{1 e 2}	160,3* ²	162,5* ²
Determinação	36,4* ^{1 e 2}	27,4* ^{1 e 2}	38,4* ²	38,5* ²
Responsabilidade	35,5	34,4* ²	35,8	37,5* ²
Independência	26,9	25,2* ²	28,7	27,8* ²
Autoconhecimento	23,4* ²	22,1* ²	25,3* ²	24,5* ²
Conhec. da Realidade	31,3	30,1* ²	32,2	34,0* ²
Indecisão	19,1* ^{1 e 2}	24,6* ^{1 e 2}	16,7* ²	17,1* ²

*As diferenças significativas se referem a um $p \leq 0,05$

¹ = Diferença significativa entre grupos.

² = Diferença significativa entre momentos.

É possível encontrar outros estudos que verificaram os efeitos ocorridos após a participação dos adolescentes em processos de intervenção psicológica na área de OP. Destacam-se os trabalhos que usaram como instrumento de avaliação a EMEP e a EIV (Teixeira et al., 2001; Melo-Silva et al., 2002; Esbrogeo, 2008; Lassance et al., 2009; Junqueira, 2010; Oliveira et al., 2013; Junqueira et al., 2014). Todos os resultados encontrados apontam uma melhora significativa no nível da maturidade geral e da indecisão para escolha profissional após os indivíduos passarem por uma intervenção em OP. Sendo assim, de forma geral, as intervenções em OP vêm se mostrando eficientes e resultam em ganhos para quem participa.

Em relação, especificamente, as subcategorias da maturidade, estudos como o de Melo-Silva et al. (2002), Lassance et al. (2009) e Junqueira et al. (2014) encontraram progresso significativo em todas elas após a intervenção. Resultado esse, similar ao encontrado no presente. Contudo, não foram em todos os estudos que todas as subcategorias evoluíram de forma significativa. Porém, mesmo quando isso não ocorreu, não interferiu no resultado geral da maturidade total. Acerca dessa questão, Junqueira et al. (2014) afirma que deve ser levado em consideração que cada subcategoria abarca um conjunto de fatores afetivos e cognitivos que compõe a maturidade, mas que, apesar de interligados, discriminam-se quanto a sua especificidade.

Na tabela 10, é possível observar a amplitude da variação das médias. Nota-se que a despeito do grupo controle ter apresentado evolução crescente de suas médias de maturidade (geral e subcategorias) e indecisão, suas variações se mostram bem abaixo das do grupo experimental. No mesmo intervalo de tempo, o grupo que passou pela intervenção teve um aumento no seu nível de maturidade para escolha profissional três vezes maior do que o grupo controle. Assim como também, o nível de indecisão para escolha profissional do grupo experimental reduziu três vezes mais do que os dos alunos que não participaram da intervenção em OP.

Em relação às outras subcategorias da maturidade, o progresso significativamente feito pelo grupo experimental foi sempre maior do que o do grupo controle. Os estudantes que participaram dos grupos de OP, ao final da intervenção

aumentaram seu nível de determinação, de responsabilidade e de conhecimento da realidade mais do que os integrantes do grupo controle.

Tabela 10: *Comparação das variações das médias de Indecisão, Maturidade e suas Subcategorias por grupos.*

	Grupos	
	Controle N=42 (Dp)	Experimental N=36 (Dp)
Maturidade Total	6,8 (14,8)**	23,2 (19,5)**
Determinação	2,0 (6,2)**	11,1 (7,9)**
Responsabilidade	0,3 (5,3)*	3,2 (5,6)*
Independência	1,7 (5,6)	2,6 (5,3)
Autoconhecimento	1,9 (4,4)	2,4 (6,4)
Conhec. da Realidade	0,8 (4,6)*	3,9 (5,9)*
Indecisão	-2,4 (5,9)**	-7,5 (6,7)**

*Diferença significativa: $p \leq 0,05$ **Diferença significativa: $p \leq 0,01$

Desta forma percebe-se que além do aumento da média dos constructos mensurados, o processo de intervenção acelerou o desenvolvimento das competências pessoais dos adolescentes. Os alunos que vivenciaram a intervenção psicológica de OP se desenvolveram mais, em menos tempo. O indivíduo que é estimulado de forma adequada, amplia sua capacidade de se desenvolver quando comparado com aquele que não recebe essa estimulação.

Na literatura não foram encontrados estudos que trabalharam com grupo controle em relação à maturidade (geral e subcategorias). Dificultando assim a correlação com outros resultados que pudessem corroborar ou contrapor os dados levantados no presente trabalho. Em relação à indecisão, foram encontrados alguns estudos que utilizaram grupo controle. Entre eles, Teixeira et al. (2001) encontrou resultados muito semelhantes aos encontrados nessa pesquisa. Os autores relataram também que o grupo experimental iniciou a investigação mais indeciso do que o grupo controle, mas após a intervenção se igualam estatisticamente.

Tendo em vista os dados sociodemográficos anteriormente levantados, a tabela 11.a apresenta a comparação das médias de maturidade (geral e subcategorias) e indecisão das três escolas nos dois momentos investigados. Assim como, a tabela 11.b

faz a mesma comparação, mas em relação aos grupos controle e experimental, a fim de clarificar onde realmente as mudanças ocorreram efetivamente.

Tabela 11.a: *Comparação das médias de Indecisão, Maturidade e suas Subcategorias em relação as diferentes escolas nos momentos 1(M1) e 2 (M2).*

	Momento 1 (M1)			Momento 2 (M2)			
	Federal	Particular	Estadual	Federal	Particular	Estadual	
Controle	Det	34,6* ¹	33,9	41,9	39,8* ¹	36,3	40,7
	Resp	38,3	33,4	36,5	38,7	33,8	36,6
	Ind	26,9	26,8	27,2	29,2	28,2	28,9
	Auto C	23,9	22,0	25,3	25,6	24,5	26,6
	C Real	33,5	30,5	30,8	35,2	32,0	29,8
	Maturidade	157,2* ¹	146,8	161,7	168,5* ¹	154,9	162,7
	Indecisão	19,9* ¹	20,3	16,3	14,8* ¹	18,2	15,7
Experimental	Det	24,9* ¹	31,3* ¹	25,1* ¹	38,6* ¹	40,9* ¹	34,4* ¹
	Resp	38,1	33,5* ¹	29,4* ²	40,9	36,9* ¹	32,7
	Ind	22,4* ¹	27,5	26,1	27,3* ¹	29,5	25,9
	Auto C	22,6	22,8	20,1* ¹	24,9	23,4	25,6* ¹
	C Real	31,8* ¹	28,5	29,9	37,8* ¹	31,1	32,7
	Maturidade	139,9* ¹	143,6* ¹	130,6	169,5* ¹	161,8* ¹	151,4
	Indecisão	26,5* ¹	23,3* ¹	23,6* ¹	17,1* ¹	15,8* ¹	19,2* ¹

*Diferença significativa: $p \leq 0,01$

¹ = Diferença significativa entre momentos (comparação horizontal).

Tabela 11.b: *Comparação das médias de Indecisão, Maturidade e suas Subcategorias em relação as diferentes escolas nos grupos Controle e Experimental.*

	Momento 1 (M1)			Momento 2 (M2)			
	Federal	Particular	Estadual	Federal	Particular	Estadual	
Controle	Det	34,6* ²	33,9	41,9* ²	39,8	36,3	40,7* ²
	Resp	38,3	33,4	36,5* ²	38,7	33,8	36,6
	Ind	26,9	26,8	27,2	29,2	28,2	28,9
	Auto C	23,9	22,0	25,3	25,6	24,5	26,6
	C Real	33,5	30,5	30,8	35,2	32,0	29,8
	Maturidade	157,2	146,8	161,7* ²	168,5	154,9	162,7
	Indecisão	19,9	20,3	16,3* ²	14,8	18,2	15,7
Experimental	Det	24,9* ²	31,3	25,1* ²	38,6	40,9	34,4* ²
	Resp	38,1	33,5	29,4* ²	40,9	36,9	32,7
	Ind	22,4	27,5	26,1	27,3	29,5	25,9
	Auto C	22,6	22,8	20,1	24,9	23,4	25,6
	C Real	31,8	28,5	29,9	37,8	31,1	32,7
	Maturidade	139,9	143,6	130,6* ²	169,5	161,8	151,4
	Indecisão	26,5	23,3	23,6* ²	17,1	15,8	19,2

*Diferença significativa: $p \leq 0,01$

² = Diferença significativa entre grupos (comparação vertical).

A partir dos dados expostos, é possível traçar o perfil da amostra dos alunos de cada escola nos diferentes momentos da investigação. Os alunos do grupo controle da escola Estadual iniciaram o processo apresentando maiores médias de maturidade geral, de determinação, de independência, de autoconhecimento, e a menor média de indecisão para realização da escolha profissional. Os alunos da escola Particular, também do grupo controle, apresentaram as médias mais baixas em todas as categorias e subcategorias analisadas. E os alunos do grupo controle da escola Federal apresentaram médias intermediárias.

Com a passagem do tempo e sem o efeito da intervenção, esse cenário se alterou em relação aos grupos controle. Os alunos da escola Federal passaram a ter a maioria das médias mais elevadas, como: responsabilidade, independência, conhecimento da realidade e maturidade geral. Assim como a menor média de indecisão para escolha profissional. Passando a escola estadual a apresentar as médias intermediárias. E a escola Particular manteve a mesma posição.

Com relação ao perfil da amostra do grupo experimental, houve uma diversificação maior na composição. Antes da intervenção, os alunos da escola Federal apresentaram a maior média de responsabilidade, de conhecimento da realidade e indecisão para escolha da profissão. E tiveram a menor média de determinação e independência. Os alunos da escola Particular, por sua vez, demonstraram as maiores médias de determinação, independência, autoconhecimento e maturidade geral. Mas, em contrapartida, também obtiveram as menores médias de conhecimento da realidade e indecisão para escolha acadêmica. Os alunos da escola Estadual apresentaram as menores médias de responsabilidade e autoconhecimento. Nas demais categorias e subcategorias suas médias foram intermediárias.

Após a intervenção, uma nova composição se formou no grupo experimental. Os alunos da escola Federal exibiram as maiores médias de responsabilidade, conhecimento da realidade e maturidade geral. E nas demais categorias e subcategorias as médias foram intermediárias. Em relação aos alunos da escola Particular, suas médias se mantiveram como as mais altas nas subcategorias determinação e independência. Assim como também mantiveram as menores médias de conhecimento da realidade e

indecisão. E passaram a assumir a menor média de autoconhecimento. Por sua vez, os alunos da escola Estadual retrataram as menores médias de determinação, responsabilidade e independência. E as menores de autoconhecimento e indecisão.

A realização de análises como essa no início das intervenções pode ser de grande valia, pois revela quais áreas precisam receber mais atenção em um grupo específico. Favorecendo assim, que um resultado mais eficiente possa ser atingido e que o grupo seja mais bem assistido em suas necessidades singulares. Quando realizadas ao final das intervenções podem esclarecer e clarificar os resultados, mostrando possíveis défices que poderão ser revistos nas futuras aplicações das intervenções, contribuindo assim para o aperfeiçoamento dos programas de OP.

A despeito dos dados anteriores terem apontado que os alunos do grupo controle tinham aumentado sua média de maturidade e determinação, assim como também diminuído a indecisão para escolha profissional, na tabela 11.a podemos verificar que apenas os alunos da escola Federal fizeram progresso significativo em relação a esses aspectos. Os alunos das escolas Particular e Estadual não variaram significativamente suas médias, se mantendo equivalentes com a passagem do tempo.

Entretanto, quando analisados os resultados do grupo experimental, nota-se que a média da subcategoria determinação aumentou significativamente nos três tipos de escolas investigadas, assim como também houve uma redução significativa na média de indecisão para escolha profissional dos estudantes de todas as escolas participantes. O que indica que a intervenção de OP foi capaz de trabalhar as atitudes necessárias para uma definição segura da escolha da profissão. Do mesmo modo, uma redução progressiva da indecisão em relação a escolha da profissão futura, a medida que promoveu o acesso as informações e esclarecimentos necessários.

Em relação à responsabilidade, os alunos da escola Particular progrediram significativamente, mostrando que durante a OP foi trabalhado com sucesso o compromisso do indivíduo com sua escolha, a preocupação e o empreendimento de ações que objetivem a efetivação e responsabilização sobre as decisões a serem tomadas.

Quanto à independência, o avanço significativo foi vivenciado pelos alunos da escola Federal, que tiveram a oportunidade de trabalhar no grupo de intervenção a

realização de escolhas independentes e livres de influências opressoras de outras pessoas.

No tocante a subcategoria autoconhecimento, a escola Estadual obteve sucesso, pois seus alunos elevaram suas médias significativamente, indicando assim que, a estimulação dos estudantes para que eles avaliassem o quanto conhecem os diferentes aspectos pessoais que devem ser levados em conta para embasarem a escolha da profissão foi alcançado com êxito. E esses fatores podem ser os seus interesses, valores, características pessoais e habilidades.

No que se refere ao conhecimento da realidade, quem se destacou foram os alunos da escola Federal. É possível considerar que após a OP os alunos fizeram contato com o conhecimento da realidade educativa e socioprofissional, tornando-se competentes para avaliarem o quanto conhecem sobre os diversos aspectos práticos que estão envolvidos na escolha da profissão pretendida, como por exemplo: mercado de trabalho, instituições de ensino, faixa salarial.

E por fim, em relação à maturidade geral, os alunos da escola Federal e da escola Particular, após participarem da intervenção, aumentaram suas médias significativamente. Assim, o objetivo da intervenção de OP foi alcançado e a hipótese inicial da pesquisa confirmada: após frequentarem grupos de intervenção de OP, os estudantes elevaram seu nível de maturidade para realizarem a escolha profissional. E apesar do resultado do grupo experimental da escola Estadual não ter sido significativo, houve aumento na média do grupo no que tange a maturidade geral.

Ainda em relação à tabela 11.b, quando comparados os grupos Controle e experimental de uma mesma escola, torna-se possível identificar que os alunos da escola Federal do grupo controle iniciaram a pesquisa mais determinados do que os alunos do grupo experimental, em relação à escolha da profissão. Porém no momento 2, com o aumento significativo do nível de determinação do grupo experimental, eles se igualaram estatisticamente.

Já em relação à escola Estadual, o grupo controle iniciou o trabalho mais determinado, mais responsável mais maduro e menos indeciso em relação à escolha profissional do que os alunos do grupo experimental. Após a intervenção o que se observou foi um aumento significativo do nível de determinação e redução da indecisão dos alunos do grupo experimental, tornando seu nível de determinação maior e o de

indecisão menor do que dos alunos do grupo controle. E também conseguiram, ao final da intervenção, tornarem-se estatisticamente semelhantes onde antes estavam inferiores: Responsabilidade e Maturidade para escolherem a profissão.

Os resultados apresentados nas tabelas 11.a e 11.b ficam mais evidentes ao analisar a tabela 12. Nessa tabela estão expostas as variações das médias de maturidade (geral e subcategorias) e indecisão dos grupos controle e experimental de cada um dos três tipos de escola investigados no presente estudo. Os maiores valores de variação correspondem as variações do grupo experimental. Assim como também, a maior quantidade de variações maiores. Esse resultado mostra que no mesmo espaço de tempo, houveram avanços e retrocessos em proporções distintas. Indicando um progresso maior no desenvolvimento do grupo experimental, que conseguiu maior avanço em menos tempo.

Tabela 12: *Variações das médias de Indecisão, Maturidade e suas Subcategorias dos tipos de Escola.*

	Federal (N=24)		Particular (N=34)		Estadual (N=20)	
	Cont.	Exp.	Cont.	Exp.	Cont.	Exp.
Maturidade Total	11,30	22,57	8,10	18,28	0,91	20,75
Determinação	5,20	13,64	2,35	9,64	-1,16	9,25
Responsabilidade	0,40	2,85	0,40	3,42	0,08	3,37
Independência	2,30	4,85	1,40	2,00	1,75	-0,25
Autoconhecimento	1,70	2,28	2,45	0,64	1,25	5,50
Conhec. da Realidade	1,70	5,92	1,50	2,57	-1,00	2,87
Indecisão	-5,10	-9,35	-2,10	-7,50	-0,66	-4,37

Em relação às escolas, a que mais variou positivamente foi a Federal com o grupo experimental, que conseguiu avançar 22,57 pontos na média da maturidade geral, num universo de 180 pontos no total.

A respeito da determinação, os alunos do grupo experimental da escola Federal continuaram apresentando a maior variação da média, tendo evoluído 13,64 pontos positivamente, num universo de 40 pontos. Quanto à responsabilidade as variações foram menores, e foi o grupo experimental da escola Particular que apresentou a maior variação na média, tendo se desenvolvido 3,42 pontos, num universo de 40 pontos. Já

sobre a independência, as variações continuaram a ser mais discretas, e novamente o grupo experimental da escola Federal exprime maior variação da média, crescendo 2,30 pontos, num universo de 32 pontos.

Concernente ao autoconhecimento, o grupo experimental da escola Estadual apresentou maior variação da média, conseguiram progredir em 5,50 pontos, em um universo de 28 pontos. Considerando o conhecimento da realidade, mais uma vez o grupo experimental da escola Federal mostrou maior variação da média, evoluindo 5,92 pontos, em um universo de 40 pontos. Quando abordamos o constructo da indecisão para escolha profissional, se faz necessário observar o fato de ser um constructo negativo. E sendo assim, quanto maior a regressão, melhor. Seguindo essa linha de pensamento, o grupo experimental da escola Federal apresentou maior variação negativa da média, regredindo -9,35 pontos, em um universo de 28 pontos.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A inquietação que promoveu esse estudo girou em torno da problemática de como os estudantes estão realizando a difícil tarefa de escolherem sua profissão com o constante crescimento do número de opções e inseridos em um cenário que vem assumindo novas características com o advento do Enem, que atualmente configura a maior porta de entrada para o universo da busca de uma profissão no Brasil.

Como resposta a essa questão, a Orientação Profissional se mostra como uma ferramenta capaz de promover suporte a reflexão do estudante a cerca do momento vivenciado por ele e sobre as escolhas profissionais que lhes são impostas. A hipótese levantada foi a de que os alunos que participam de um processo de OP se tornam mais maduros e reduzem sua indecisão para realizarem a escolha da profissão. Os achados confirmaram a hipótese.

Considerando que objetivo da pesquisa foi avaliar a influência que um processo de OP grupal pode exercer sobre a maturidade e a indecisão para escolha profissional de estudantes do último ano do ensino médio, conclui-se que foi alcançado com sucesso por meio da resolução dos demais tópicos que nortearam essa busca.

Em relação ao tópico 1, não foi encontrada correlação entre os construtos de maturidade geral e indecisão para escolha profissional e as variáveis sócio-demográficas analisadas: sexo, experiência profissional, realização de curso profissionalizante, psicoterapia e tipo de escola.

O sexo não foi um fator determinante no nível de maturidade e indecisão na escolha da profissão. Mas verificamos que as moças mostram-se mais responsáveis do que os rapazes em relação à escolha profissional. O fato de estar trabalhando ou já ter trabalhado não exerceu nenhuma influência na maturidade ou na indecisão da escolha profissional. Realizar um curso profissionalizante também não interferiu na maturidade e nem na indecisão do estudante na hora de escolher sua profissão.

Já os alunos que passam por intervenção psicoterapêutica, se mostram mais responsáveis ao realizarem a escolha da profissão. E mesmo que não se possa afirmar que a psicoterapia tem algum efeito no nível de maturidade e indecisão, os alunos que realizaram psicoterapia apresentaram as maiores médias de maturidade e as menores de indecisão. Não houve correlação entre a realização de teste difundidos na internet sem validade e o nível de maturidade e indecisão dos alunos. E apesar do tipo de escola não ter nenhum efeito diante dos construtos analisados na escolha da profissão, foi encontrado que os alunos da escola Federal, se mostram mais responsáveis para escolherem a profissão do que os alunos da escola particular.

Em relação ao tópico 2, quando comparamos os grupos controle e experimental no início da pesquisa é possível notar que o grupo controle se mostrou mais maduro e menos indeciso do que o grupo experimental. Assim como também mais determinado para escolher a profissão. Quando comparados novamente, no segundo momento da pesquisa, os dois grupos estavam estatisticamente equivalentes em todos os aspectos mensurados.

Onde se pode concluir que após a intervenção de OP o grupo experimental aumentou seu nível de maturidade e reduziu seu nível de indecisão, nivelando-se com o grupo controle. Assumindo assim a intervenção de OP uma função de nivelamento dos alunos inseridos em diferentes contextos e que tiveram diferentes oportunidades.

E relação ao tópico 3, quando comparados os resultados do momento 1 da pesquisa com os resultados do momento 2, é possível observamos as variações que aconteceram. Com a passagem do tempo, o grupo controle e o grupo experimental

fizeram avanços significativos nos mesmos construtos e subcategorias: Maturidade geral, indecisão, determinação, responsabilidade e conhecimento da realidade. Mas a diferença estava no quanto cada um avançou. O grupo experimental fez avanços muito maiores que o grupo controle. O menor avanço do grupo experimental foi o triplo do avanço que o grupo controle teve. E o maior foi equivalente a dez vezes mais.

Sendo assim é possível concluir que os alunos que participaram da intervenção de OP tiveram um aumento significativo maior em seus níveis de maturidade e redução de indecisão, do que os alunos do grupo controle em um mesmo espaço de tempo. Atribuindo assim a intervenção de OP a função de aceleradora do desenvolvimento dos construtos mensurados.

Como o objetivo desse estudo esteve direcionado aos construtos de maturidade e indecisão, a medida que a partir de mensuração ficou evidenciado o progresso de seus níveis no grupo experimental, é possível concluir que a pesquisa também contribuiu para avaliar a eficiência do programa de OP criado para a intervenção nessa pesquisa. Que permitiu a associação da prática clínica à investigação.

Uma vez que se realizou essa associação entre a prática clínica e a investigação se tornou possível o surgimento de outros dados importantes levantados nessa pesquisa, como por exemplo, a classificação diagnóstica da amostra. O que confere a pesquisa um viés mais humanizado e não somente tão numérico, sendo esse um estudo no campo da psicologia.

Nessa pesquisa alguns dados gerais encontrados foram fragmentados e analisados mais especificamente. O que revelou pontos mais exatos que necessitam ser trabalhados e ajustados em futuros estudos. Um exemplo disso foi a ação de olhar cada grupo, dentro de cada escola em cada momento e separado. Assim se identificou as demandas iniciais específicas que cada grupo necessitava mais trabalhar durante a intervenção, proporcionando um melhor planejamento do trabalho a ser realizado. Assim como também uma avaliação sobre o que foi feito e que pontos precisam ser repensados. Por exemplo, proporcionar mais espaço para se trabalhar autoconhecimento dentro da intervenção, pois o grupo experimental não variou significativamente nessa subcategoria.

Um ponto a ser destacado, foi a contribuição adequada dos instrumentos usados: EMEP e EIV. Ambos se mostraram eficientes e válidos na mensuração dos construtos estudados.

Como fatores limitantes desse estudo alguns pontos foram destacados: Por ter sido um estudo experimental e longitudinal realizado dentro do tempo que um programa de mestrado permite, o número da amostra não pode ser maior em função das muitas etapas envolvidas que demandavam tempo e equipe de aplicação da intervenção; O fato da amostra ser composta por alunos que estavam cursando terceiro ano do ensino médio, dificultou ou impediu a participação de uma parte dos alunos em função da falta de horário para frequentarem os encontros ou do excesso que outras atividades que tinham que dar conta: trabalhos de casa, curso preparatório para o Enem, horários limitados pelos pais para voltarem para casa, provas, entre outros mais; A falta de literatura específica impediu a comparação de alguns resultados levantados por esse estudo; Por conta do tempo limitado e um atraso no calendário das escolas, a intervenção de OP não pode acontecer no primeiro semestre do ano como previsto no cronograma da pesquisa. Sendo o segundo semestre mais atarefado para os alunos do terceiro ano (Enem, formatura, encerramento um ciclo, passeios, feiras).

Como contribuições para futuros estudos nessa área sugere-se o acréscimo da informação sobre a classe socioeconômica a qual o aluno pertence no questionário sócio-demográfico; a realização da intervenção no primeiro semestre do ano; a inclusão do horário dos encontros do grupo de OP na grade de horários da turma (incluir no lugar de algum tempo vago existente oficialmente); a inclusão de uma terceira fase na pesquisa, onde se possa verificar na prática quais as escolhas os alunos realmente fizeram e como estão lidando com elas: Se estão na faculdade, qual curso escolheram, se estão se identificando, se estão com dificuldades, se escolheram trabalhar.

Para finalizar, destaca-se a Orientação Profissional como uma válida ferramenta no complexo processo do desenvolvimento humano, capaz de gerar efeitos preventivos a desgastes emocionais oriundos de escolhas não assertivas e provedores de mudanças por meio da reflexão e aquisição de informações.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Almeida, M. E. G. G. & Pinho, L. V. (2008). Adolescência, família e escolhas: implicações na orientação profissional. *Psicologia Clínica*, 20(2), 173-184.

Andrade, J. M., Meira, G. R. J. M. & Vasconcelos, Z. B. (2002). O processo de orientação vocacional frente ao século XXI: perspectivas e desafios. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 22(3), 46-53.

Azevedo, A. C., Santos, S. E. B. (2000). O grupo e o psicodrama na orientação profissional. Trabalho apresentado na *I Jornada Norte- Nordeste de Orientação Profissional/ABOP*, Recife.

Balbinotti, M. A. A., & Tétreau, B. (2006). Níveis de maturidade vocacional de alunos de 14 a 18 anos do Rio Grande do Sul. *Psicologia em Estudo*, 11(3), 551-560.

Balbinotti, M. A. A., Wiethaeuper, D. & Barbosa, M. L. L. (2004). Níveis de cristalização de preferências profissionais em alunos do ensino médio. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 5(1)15-28.

Balbonotti, M. A. A. (2003). A noção transcultural de maturidade vocacional na Teoria de Donald Super. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 16(3), 461-473.

Bardagi, M. P. & Albanes, P. (2015). Avaliação de Intervenções Vocacionais no Brasil: Uma Revisão da Literatura. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 16(2)123-135.

Bardagi, M. P. (2002). Os estilos parentais e sua relação com a indecisão profissional, ansiedade e depressão dos filhos adolescentes. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto alegre, RS, Brasil.

Belsky, J. (2010) *Desenvolvimento Humano: Experienciando o ciclo da vida*. Porto Alegre: Artmed.

Bertelli, S. B. (2007). *O Jogo das Profissões*. São Paulo: Vetor Editora.

Bezerra, M. E. S. & Bezerra, E. N. (2012). Aspectos humanistas, existenciais e fenomenológicos presentes na abordagem centrada na pessoa. *Revista do NUFEN*, 4(2), 21-36.

Bock, S. D. (2001). *Orientação Profissional: avaliação de uma proposta de trabalho na abordagem sócio histórica*. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, Brasil.

Bohoslavsky, R. (1977). *Orientação vocacional: a estratégia clínica*. São Paulo: Martins Fontes.

Breakwell, G. M., Hammond, S., Fife-Schaw, C., Smith, J. A & Haase, V. G. (2010). *Métodos de pesquisa em Psicologia*. 3ª ed. Porto Alegre: Artmed.

Bueno, C. C. O. (2009). *Grupo de Orientação Profissional para jovens: uma proposta fenomenológica*. Dissertação de mestrado em Psicologia. Pontífice Universidade Católica de Campinas, Campinas, SP, Brasil.

Calheiros, I. M. Q., Araújo, J. S. & Silveira, M. A. de M. (2000). Repercussões das inovações técnico científicas e sociais na escolha profissional. Trabalho apresentado na *I Jornada Norte Nordeste de Orientação Profissional/ABOP*, Recife.

Carneiro, C. de A. & Silva, A. L. P. (1999). Realidade e abstração: o adolescente e o R.P.G. *Anais da VII semana de pesquisa da UFSC*, 258. Florianópolis, SC: editora da UFSC.

Cippola, N. S., Domeniconi, C. & Schmidt, A. (2017). Flexibilização de avaliações acerca de profissões após um programa em orientação profissional. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 18(2), 167-180.

Colombo, G., & Prati, L. E. (2014). Escolha Profissional, Habilidades Sociais e Mercado de Trabalho. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 15(2), 201-212.

Corlatti, C. T. (2009). *Maturidade para escolha e experiência profissional na adolescência*. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP, Brasil.

Ehlich, I. F. (2002). *Contribuições do “Projeto de Ser” em Sartre para a psicologia de Orientação Profissional*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil.

Ehlich, I. F., Castro, F. & Soares, D. H. P. (2000). Orientação Profissional: liberdade e determinantes da escolha profissional. *Revista de Ciências Humanas*, 28(2) 61-79.

Erthal, T. C. S. (2012). *Trilogia da existência: teoria e prática da Psicoterapia Vivencial*. Curitiba: Appris.

Esbrogio, M. C. (2008). *Avaliação da orientação profissional em grupo: O papel da informação no desenvolvimento da maturidade para a escolha da carreira*. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP, Brasil.

Faria, L. C., Taveira, M. C. & Saavedra, L. M. (2008). Exploração e decisão de carreira numa transição escolar: diferenças individuais. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 9(2), 17-30.

Faria, L., & Taveira, M. C. (2006). Avaliação da exploração e da indecisão de jovens no contexto da consulta psicológica vocacional: Um estudo de eficácia da intervenção. *Anais da Conferência Avaliação psicológica: Formas e contextos*, 9. Braga, Portugal: Psiquilibrios.

Frota, A., Ribeiro, H. & Seregatte, A. (2016). *Profissão futuro*. São Paulo: Matrix.

Heidegger, M. (2005). *Ser e tempo*. Petrópolis: Vozes/Universidade São Francisco.

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. (2018). *Sinopse Estatística da Educação Superior 2017*. [online]. Brasília: Inep. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/basica-censo-escolar-sinopse-sinopse>>. Acesso em: 23 de novembro de 2018.

Japur, M. (1988). *Estudo sobre as qualidades psicométricas do Formulário de Aconselhamento (B-1) da Escala de Atitudes do Career Maturity Inventory (CMI) de J.O. Crites*. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, USP, São Paulo.

Junqueira, M. L. & Melo-Silva, L. L.. (2014). Maturidade para a escolha de carreira: estudo com adolescentes de um serviço-escola. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 15(2), 187-199.

Junqueira, M. L. (2010). *Maturidade para a escolha da carreira em adolescentes de um serviço de orientação profissional*. Dissertação de mestrado. Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP, Brasil.

Lassance, M. C. P., Bardagi, M. P., & Teixeira, M. A. P. (2009). Avaliação de uma intervenção cognitivo-evolutiva em orientação profissional com um grupo de adolescentes brasileiros. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 10(1), 23-32.

Lewandowski, M. F. (2014). *Processo da escolha profissional de Adolescentes: Trabalho da psicologia*. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Santa Rosa, RS, Brasil.

Lobato, C. R. P. S. & Koller, S. H. (2003). Maturidade vocacional e gênero: adaptação e uso do inventário brasileiro de desenvolvimento profissional. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 4(1-2), 57-69.

Magnan, V. C. & Feijoo, A. M. L. C. (2013). *Análise da escolha profissional*. Rio de Janeiro: Edições IFEN.

Melo-Silva, L. L., Oliveira, J. C., & Coelho, R. S. (2002). Avaliação da Orientação Profissional no desenvolvimento da maturidade na escolha da profissão. *Psic*, 3, 44-53.

Militão, A. & Militão, R. (2000). *Jogos, dinâmicas e vivências grupais*. Rio de Janeiro: Qualitymark Editora.

Mota, A. I. B. (2010). *Exploração, Dificuldades de Tomada de Decisão e Indecisão Vocacional no Ensino Básico*. Dissertação de Mestrado. Braga: Universidade do Minho.

Moura, C. B., Sampaio, A. C. P., Gemelli, K. R., Rodrigues, L. D., & Menezes, M. V. (2005). Avaliação de um programa comportamental de orientação profissional para adolescentes. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 6(1), 24-40.

Müller, M. (1988). *Orientação Vocacional: Contribuições clínicas e educacionais*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Neiva, K. M. (1998). Escala de maturidade para a escolha profissional (EMEP): estudo de validade e fidedignidade. *Revista UNIB*, 6: 43-61.

Neiva, K. M. (1999). *Manual: escala de maturidade para a escolha profissional (EMEP)*. São Paulo: Vetor Editora.

Neiva, K. M. (2002). Escala de maturidade para a escolha profissional. Em Levenfus & Soares (Orgs.). *Orientação vocacional ocupacional: novos achados teóricos, técnicos e instrumentais para a clínica, a escola e a empresa*. Porto Alegre, RS: Artmed

Neiva, K. M. C. (2003). A maturidade para a escolha profissional: Uma comparação entre alunos do ensino médio. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 4(1-2), 97-103.

Neiva, K. M. C. (2007). *Processos de escolhas e orientação profissional*. São Paulo: Vetor Editora.

Neiva, K. M. C. (2015). *Critérios para escolhas profissionais*. São Paulo: Vetor.

Neiva, K. M. C., Silva, M. B., Miranda, V. R., & Estevez, C. (2005). Um estudo sobre a maturidade para a escolha profissional de alunos do ensino médio. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 6(1), 1-14.

Noce, M. A. (2008). *O BBT-BR e a maturidade para a escolha profissional: Evidências empíricas de validade*. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP, Brasil.

Nogueira, R. S. F. R. (2004). *Avaliação da informação profissional no processo de orientação profissional via internet*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil.

Oliveira, C. M. R. & Neiva, K. M. (2013). Orientação Vocacional/Profissional: Avaliação de um projeto piloto para estudantes da educação profissional. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 14(1), 133-143.

Papalia, D. E., Olds, S. W. & Feldman, R. D. (2006). *Desenvolvimento humano*. Porto Alegre: Artmed.

Patton, W. & McMahon, M. (2006). Constructivism: what does it mean for career counselling? Em McMahon, M. & Patton, W. *Career counselling, constructivist approaches*. London: Routledge.

Pimenta, S. G. (1981). *Orientação vocacional e decisão: estudo crítico da situação do Brasil*. 2 ed., São Paulo: Ed. Loyola.

Ribeiro, M. A. (2003). Demandas em orientação profissional: um estudo exploratório em escolas públicas. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 4(1-2), 141-151.

Santos, P. J. & Coimbra, J. L. (1994). Desenvolvimento Psicológico e Indecisão Vocacional. *Cadernos de consulta psicológica*, 10(11), 21-34.

Santos, P. J. (2013). Indecisividade: Definição, investigação e intervenção vocacional. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 14(2), 203-213.

Sarriera, J. C., Silva, M. A., Kabbas, C. P., & Lopes, V. B. (2001). Formação da identidade ocupacional em adolescentes. *Estudos de Psicologia*, 6(1), 27-32.

Sartre, J. P. (2005). *A Náusea*. 12ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Serrão, M. & Baleeiro, M. C. (1999). *Aprendendo a Ser e a Conviver*. Salvador, BA: FTD

Silva, A.L.P. & Soares, D.H.P. (2001). A orientação profissional como rito preliminar de passagem: sua importância clínica. *Psicol. Estud.*, 6(2), 115-21.

Silva, J.T. (2004). A eficácia da intervenção vocacional em análise: implicações para a prática psicológica. Em Taveira, M.C. (Org.). *Desenvolvimento vocacional ao longo da vida. Fundamentos, princípios e orientações*. Coimbra: Editorial Almedina

Silva, L. L. M., & Jacquemin, A. (2001). *Intervenção em orientação vocacional/profissional: avaliando processos e resultados*. São Paulo: Vetor Editora.

Silva, L. L. M., Oliveira, J. C. de, & Coelho, R. S. (2002). Avaliação da Orientação Profissional no desenvolvimento da maturidade na escolha da profissão. *Psic revista da Vetor Editora*, 3(2), 44-53.

Soares-Lucchiari, D. H. P. S. (1997). Uma abordagem genealógica a partir do genoprofissiograma e do teste dos três personagens. In: Levenfus, R. S. *Psicodinâmica da escolha profissional*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Spaccaquerche, M. E. & Fortim, I. (2009). *Orientação profissional: passo a passo*. São Paulo: Paulus.

Sparta, M. (2003). *A exploração e a indecisão vocacionais em adolescentes no contexto educacional brasileiro*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil.

Super, D. E. (1955). Dimensions and measurement of vocational maturity. *Teachers College Record*, 57(3), 151-163.

Super, D. E., & Junior, M. J. B. (1980). *Psicologia ocupacional*. Tradução de Nascimento, E. & Santos, J. F. São Paulo: Atlas.

Taveira, M. C. (1997). *Exploração e desenvolvimento vocacional de jovens: Estudo sobre as relações entre a exploração, a identidade e a indecisão vocacional*. Tese de Doutorado. Universidade do Minho, Braga, Portugal.

Teixeira, M. A. P., & Magalhães, M. O. (2001). Escala de indecisão vocacional: Construção de um instrumento para pesquisa com estudantes do ensino médio. *Aletheia*, 13: 21-26.

Vasconcelos, Z. B., Antunes, R. F. & Silva, O. C. (1998). Orientação Vocacional: Relato de uma experiência na clínica de psicologia da UFPb. *Revista de Extensão UFPb*, 6: 20-27.

Yalom, I. D. & Leszcz, M. (2006). *Psicoterapia de Grupo: teoria e prática*. Porto alegre: Artmed.

8. ANEXOS

8.1. Anexo A – Questionário Sócio-demográfico.



Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Programa de Pós Graduação de Psicologia – PPGPSI

Questionário Socio-demográfico

Nome: _____ Data de nascimento: _____

Idade: _____ Sexo: () F () M Telefones: _____

E-mail: _____

Endereço completo de onde reside atualmente: _____

Com quem reside atualmente: _____

Profissão do Pai: _____ Profissão da Mãe: _____

Já trabalhou? () Sim () Não. Em que? _____

Qual seu hobby? _____

Já realizou algum curso profissionalizante? () Sim () Não. Qual? _____

Já fez psicoterapia? () Sim () Não. Por quanto tempo? _____

Já realizou alguma atividade relacionada à Orientação Profissional anteriormente?

() Sim () Não. Qual? _____

8.2. Anexo B – Escala de Indecisão Vocacional – EIV (Teixeira & Magalhães, 2001).

Escala de Indecisão Vocacional

Marco A. P. Teixeira
Mauro de Oliveira Magalhães

Nome: _____ Data: ____/____/____

Sexo: ()M ()F Idade: _____

Tipo de Aplicação: ()Individual ()Grupal ()Pré-OP ()Pós-OP

Escola: _____ ()Pública ()Particular

Série: _____ Turma: _____

Responsável pela Aplicação: _____

Esse questionário tem como objetivo medir seu nível de indecisão para escolher sua futura profissão. Responda com sinceridade e de acordo com o que você realmente pensa. Não há respostas certas ou erradas.

Analise cada uma das afirmações e determine a veracidade com que você atua ou pensa segundo a forma indicada em cada enunciado. Escolha para cada afirmação, o número que corresponde à sua resposta, tomando como base a escala apresentada a seguir:

1 = A frase é totalmente falsa a seu respeito – não corresponde de maneira alguma ao modo como você se sente, pensa ou age;

2 ...

3 ...

4 ...

5 = A frase é totalmente verdadeira a seu respeito – corresponde perfeitamente ao modo como você se sente, pensa ou age.

ITENS	1	2	3	4	5
1. Quando me decido por uma profissão eu logo depois fico pensando se outras opções não me fariam mais feliz.					
2. Eu me sinto inseguro(a) para decidir sobre minha carreira profissional.					
3. Eu tenho medo de escolher uma profissão e depois não gostar dela.					
4. Eu tenho dúvidas se sou capaz de fazer uma boa escolha profissional para mim.					
5. Eu me sinto perdido quanto penso na minha escolha profissional.					
6. Eu fico angustiado(a) quando paro para pensar sobre minha escolha profissional.					
7. Uma hora eu penso em ter uma profissão e logo depois imagino outra bem diferente.					

8.3. Anexo C - A Escala de Maturidade para Escolha Profissional – EMEP (Neiva, 1999).

COLOQUE UM “X” NO NÚMERO CORRESPONDENTE À SUA RESPOSTA.	PONTOS				
	SEMPRE	FREQUENTE	ÀS VEZES	RARAMENTE	NUNCA
01. Dedico um tempo da semana para pensar em minha futura vida profissional.	5	4	3	2	1
02. Penso que vai demorar muito para que eu escolha minha futura profissão.	5	4	3	2	1
03. Consigo mencionar as principais atividades da maioria das profissões.	5	4	3	2	1
04. Sinto que logo me decidirei.	5	4	3	2	1
05. Para mim é fácil separar minhas habilidades em mais fortes e mais fracas.	5	4	3	2	1
06. Penso que me deixo influenciar pela opinião das pessoas sobre a profissão que devo escolher.	5	4	3	2	1
07. Posso listar com facilidade as atividades de trabalho que gostaria de realizar.	5	4	3	2	1
08. Sinto que conheço pouco minhas habilidades mais fortes.	5	4	3	2	1
09. Reflito sobre como decidir minha futura profissão.	5	4	3	2	1
10. Penso que a opinião de meus amigos pouco influenciará minha decisão.	5	4	3	2	1
11. Sinto-me confuso(a) com relação à minha escolha profissional.	5	4	3	2	1
12. Considero que me conheço bastante.	5	4	3	2	1
13. Sinto que estou pouco preocupado(a) com minha futura vida profissional.	5	4	3	2	1
14. Esqueço que tenho que tomar uma decisão sobre minha futura profissão.	5	4	3	2	1
15. Posso apontar facilmente as profissões que oferecem um bom mercado de trabalho.	5	4	3	2	1
16. Tenho dificuldade em ficar pensando sobre qual profissão escolher.	5	4	3	2	1
17. Sinto que estou quase decidindo minha futura profissão.	5	4	3	2	1
18. Acho que sei em qual área profissional se situa a maioria das profissões.	5	4	3	2	1
19. Penso que já decidi minha futura profissão.	5	4	3	2	1
20. Acho que pouco me influencio pela opinião dos outros sobre minha futura profissão.	5	4	3	2	1
21. Penso que ainda não devo me preocupar com minha escolha profissional.	5	4	3	2	1
22. Penso que estou bem informado(a) sobre os níveis atuais de salário da maioria das profissões.	5	4	3	2	1
23. Posso listar facilmente minhas qualidades e meus defeitos.	5	4	3	2	1
24. Considero que conheço relativamente bem aonde se pode estudar a maioria das profissões.	5	4	3	2	1
25. Me esforço pouco em pensar sobre minha futura profissão.	5	4	3	2	1
26. Acho que ainda vou demorar muito para decidir minha futura profissão.	5	4	3	2	1
27. Tenho dificuldade para definir que tipo de pessoa eu sou.	5	4	3	2	1
28. Considero que sei muito pouco sobre o nível das universidades.	5	4	3	2	1
29. Sinto-me inseguro(a) com relação à minha futura profissão.	5	4	3	2	1
30. Penso que é importante tomar em conta a opinião de meus pais ao escolher minha futura profissão.	5	4	3	2	1
31. Penso que tenho pouca informação sobre o salário médio da maioria dos profissionais.	5	4	3	2	1
32. Para mim é difícil mencionar meus principais valores.	5	4	3	2	1
33. Acho que a opinião dos outros pouco influenciará minha decisão profissional.	5	4	3	2	1
34. Considero que conheço pouco a realidade profissional.	5	4	3	2	1
35. Sinto-me seguro(a) com relação à minha futura profissão.	5	4	3	2	1
36. Analiso os pontos importantes para minha escolha profissional.	5	4	3	2	1
37. Penso que é importante tomar em conta a opinião dos demais ao escolher a profissão.	5	4	3	2	1
38. Tenho dificuldade em apontar as profissões que têm um bom mercado de trabalho.	5	4	3	2	1
39. Considero que a opinião de meus amigos é importante para minha decisão profissional.	5	4	3	2	1
40. Acho que sei aonde eu gostaria de trabalhar.	5	4	3	2	1
41. Penso que conheço muito pouco as exigências do mercado de trabalho.	5	4	3	2	1
42. Reflito sobre qual será a minha futura profissão.	5	4	3	2	1
43. Analiso o meu grau de interesse pelas diversas profissões.	5	4	3	2	1
44. Acho que a opinião de meus pais pouco influencia minha escolha profissional.	5	4	3	2	1
45. Evito conversar sobre a minha escolha profissional.	5	4	3	2	1

8.4. Anexo D – TCLE para maiores de 18 anos.



Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Programa de Pós Graduação de Psicologia - PPGPSI

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Senhor(a) Participante,

Solicito participação nas atividades de pesquisa vinculadas ao Departamento de Psicologia (DEPSI) da UFRRJ e ao Programa De Pós-Graduação Em Psicologia (PPGPSI). Tais atividades consistem:

- Na participação de 8 a 10 sessões de orientação profissional de grupo;
- Em responder a Escala de Maturidade para a Escolha Profissional e a Escala de Indecisão Vocacional em dois momentos, antes e depois do ciclo de das 10 sessões de orientação profissional de grupo;
- E participar de uma entrevista individual aberta com os pesquisadores, seis meses após o término do processo de Orientação profissional. Como o objetivo que o participante relate como vivenciou o processo de escolha profissional.
- As entrevistas serão gravadas em áudio e isso será comunicado previamente ao participante, visando não perder nenhum detalhe importante para pesquisa.
- Todas as informações coletadas serão apresentadas apenas para fins acadêmicos e científicos da área.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

- ✓ Benefícios decorrentes da participação na pesquisa:

Acreditamos que as sessões Orientação profissional de grupo auxiliará o participante a um enfrentamento positivo do processo de escolha.

Optar por uma carreira pode ser uma difícil tarefa para estudantes que estão enfrentando um momento de transição de fases, buscando o autoconhecimento, a construção e fortalecimento de sua identidade. Frente a esses fatores, a orientação profissional representa um meio de dar suporte os estudantes na realização de uma escolha profissional consciente e adequada ao seu projeto de vida. Buscando associar essa escolha dos aspectos relacionados à sua identidade e entendendo o processo de busca profissional, como uma construção e desenvolvimento de habilidades, e não somente de identificação de características pré-determinadas.

- ✓ Riscos e condutas decorrentes da participação da pesquisa:

Existe a possibilidade, ainda que remota, que o indivíduo não assimile de forma coerente essa modalidade de intervenção psicoterapêutica grupal gerando assim uma leve confusão mental, que pode ser rapidamente desfeita com algumas sessões de psicoterapia individual oferecida no próprio SPA (Serviço de psicologia aplicada) da UFRRJ.

- ✓ Período de participação, sigilo e **consentimento**:

As sessões de orientação profissional de grupo acontecerão na sala da psicologia do Colégio Técnico da UFRRJ (CTUR). O sigilo total é garantido e não serão divulgados nomes em nenhuma circunstância durante o desenvolvimento ou publicação da pesquisa. A qualquer tempo será possível retirar o **consentimento**, sem qualquer prejuízo pessoal ou institucional e isso não acarretará qualquer custos, bem como não haverá compensação financeira pela participação.

- ✓ Contatos para obter maiores informações sobre a pesquisa:

Pesquisada responsável: Daiane Bocard do Couto
E-mail: daianebocard@gmail.com
Telefone: (21) 98261-2013

Orientador: Wanderson Fernandes De Souza
E-mail: wanderson.souza@gmail.com
Telefone: (21) 98722-9245

Co-Orientada: Carla Cristine Vicente
E-mail: carlavicente@uol.com.br
Telefone: (21) 98651-2080

Comitê de Ética da UFRRJ: (21) 2681-4707; 26821220

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO

Eu, abaixo assinado, autorizo a realização da pesquisa e declaro que fui devidamente informado e **esclarecido** pelo pesquisador sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes da mesma. Foi-me garantido que posso retirar meu **consentimento** a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade.

Seropédica, _____ de _____ de 20____.

Nome: _____ Cargo na instituição: _____

E-mail: _____ Telefone: _____

Assinatura: _____

8.5. Anexo E – TCLE menor de 18 anos.



Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Programa de Pós Graduação de Psicologia - PPGPSI

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (Menores de 18 anos)

Senhor(a) Responsável,
Solicito participação de _____ nas atividades de pesquisa vinculadas ao Departamento de Psicologia (DEPSI) da UFRRJ e ao Programa De Pós-Graduação Em Psicologia (PPGPSI). Tais atividades consistem:

- Na participação de 8 a 10 sessões de orientação profissional de grupo;
- Em responder a Escala de Maturidade para a Escolha Profissional e a Escala de Indecisão Vocacional em dois momentos, antes e depois do ciclo de das 10 sessões de orientação profissional de grupo;
- E participar de uma entrevista individual aberta com os pesquisadores, seis meses após o término do processo de Orientação profissional. Como o objetivo que o participante relate como vivenciou o processo de escolha profissional.
- As entrevistas serão gravadas em áudio e isso será comunicado previamente ao participante, visando não perder nenhum detalhe importante para pesquisa.
- Todas as informações coletadas serão apresentadas apenas para fins acadêmicos e científicos da área.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

✓ Benefícios decorrentes da participação na pesquisa:
Acreditamos que as sessões Orientação profissional de grupo auxiliará o participante a um enfrentamento positivo do processo de escolha.

Optar por uma carreira pode ser uma difícil tarefa para estudantes que estão enfrentando um momento de transição de fases, buscando o autoconhecimento, a construção e fortalecimento de sua identidade. Frente a esses fatores, a orientação profissional representa um meio de dar suporte os estudantes na realização de uma escolha profissional consciente e adequada ao seu projeto de vida. Buscando associar essa escolha dos aspectos relacionados à sua identidade e entendendo o processo de busca profissional, como uma construção e desenvolvimento de habilidades, e não somente de identificação de características pré-determinadas.

✓ Riscos e condutas decorrentes da participação da pesquisa:
Existe a possibilidade, ainda que remota, que o indivíduo não assimile de forma coerente essa modalidade de intervenção psicoterapêutica grupal gerando assim uma leve confusão mental, que pode ser rapidamente desfeita com algumas sessões de psicoterapia individual oferecida no próprio SPA (Serviço de psicologia aplicada) da UFRRJ.

✓ Período de participação, sigilo e **consentimento**:
As sessões de orientação profissional de grupo acontecerão na sala da psicologia do Colégio Técnico da UFRRJ (CTUR). O sigilo total é garantido e não serão divulgados nomes em nenhuma circunstância durante o desenvolvimento ou publicação da pesquisa. A qualquer tempo será possível retirar o **consentimento**, sem qualquer prejuízo pessoal ou institucional e isso não acarretará qualquer custos, bem como não haverá compensação financeira pela participação.

✓ Contatos para obter maiores informações sobre a pesquisa:

Pesquisada responsável: Daiane Bocard do Couto
E-mail: daianeboyard@gmail.com
Telefone: (21) 98261-2013

Orientador: Wanderson Fernandes De Souza
E-mail: wanderson.souza@gmail.com
Telefone: (21) 98722-9245

Co- Orientada: Carla Cristine Vicente
E-mail: carlavicente@uol.com.br
Telefone: (21) 98651-2080

Comitê de Ética da UFRRJ: (21) 2681-4707; 26821220

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO

Eu, abaixo assinado, autorizo a participação de _____ na pesquisa e declaro que fui devidamente informado e **esclarecido** pelo pesquisador sobre os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes da mesma. Foi-me garantido que posso retirar meu **consentimento** a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade.

_____, _____ de _____ de 20____.
Nome: _____ CPF: _____

E-mail: _____ Telefone: _____

Assinatura: _____

8.6. Anexo F- Termo de Assentimento.



Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Programa de Pós Graduação de Psicologia - PPGPSI

TERMO DE ASSENTIMENTO

Aceito participar da presente pesquisa do Programa de Pós Graduação de Psicologia – PPGPSI da UFRRJ. Estou ciente de que as atividades consistirão em:

- Participação em 10 sessões de orientação profissional de grupo;
- Responder a Escala de Maturidade para a escolha profissional e a Escala de Indecisão Vocacional em dois momentos, antes e depois do clico de 10 sessões de orientação profissional de grupo;
- Participar de uma entrevista individual aberta com os pesquisadores, seis meses após o término do processo de orientação profissional. Com o objetivo de que o participante relate como vivenciou o processo de escolha profissional.

Todas as informações coletadas serão apresentadas para fins acadêmicos e científicos da área. As entrevistas serão gravadas em áudio visando não perder nenhum detalhe importante para a pesquisa.

Existe a possibilidade, mesmo que remota, que o indivíduo não assimile de forma coerente essa modalidade de intervenção psicoterapêutica grupal gerando assim uma leve confusão emocional, que pode ser rapidamente desfeita com algumas sessões de psicoterapia individual oferecida pelo próprio Serviço de Psicologia Aplicada (SPA) da UFRRJ.

Dadas as informações apresentadas acima, **ACEITO** participar da pesquisa.

Seropédica, _____ de _____ de 20____.

Nome: _____ Idade: _____

E-mail: _____ Telefone: _____

Assinatura: _____